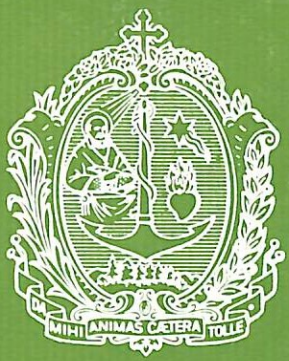


atos

do conselho geral

ano LXXIX outubro-dezembro 1998

Nº 365

Órgão oficial de animação e de comunicação para a Congregação Salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 365
ano LXXIX
outubro-dezembro
1998

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Juan E. VECCHI **O PAI NOS CONSAGRA E NOS ENVIA**	**3**
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Luc VAN LOOY **O DIRETÓRIO INSPETORIAL**	**47**
	2.2. P. Luciano ODORICO **A FORMAÇÃO DOS CATEQUISTAS EM TERRITÓRIOS DE MISSÃO**	**54**
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1. P. Francesco MARACCANI **A PROFISSÃO DE FÉ E O JURAMENTO DE FIDELIDADE AO ASSUMIR UM SERVIÇO A SER EXERCIDO EM NOME DA IGREJA**	**63**
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor	**69**
	4.2. Crônica do Conselho Geral	**82**
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. "Para um caminho de colaboração" *Comunicação do Reitor-Mor e da Madre Geral* aos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora	**88**
	5.2. Decreto para a aprovação dos "Voluntários Com Dom Bosco" como Associação Pública de Fiéis Leigos	**93**
	5.3. Novos Inspetores	**97**
	5.4. Novo Bispo Salesiano	**101**
	5.5. Irmãos Falecidos	**103**

Tradução: *P. José Antenor Velho*

Editora Salesiana
DOM BOSCO
Rua Dom Bosco, 441
03105-020 - São Paulo - SP
Fone: (011) 277-3211 • Fax: (011) 279-0329
Fax Vendas: (011) 279-4084
Telex: (011) 32431 ESPS BR
E-mail:sdbmooca@salesianos.org.br
Home page: http://www.salesianos.org.br

"O PAI NOS CONSAGRA E NOS ENVIA"[1]

I. **UMA VIDA CONSAGRADA** – 1. Um convite urgente – 2. Uma palavra-chave – 3. A alegre experiência de um dom recebido – 4. A confissão da iniciativa de Deus – 5. Um projeto de vida em Deus – 6. A profissão pública – 7. Algumas conseqüências.

II. **A NOSSA CONSAGRAÇÃO APOSTÓLICA** – 1. A singularidade da consagração "salesiana" – 2. A originalidade "consagrada" da nossa missão apostólica – 3. Serviço e profecia – 4. Os múltiplos dons da nossa comunidade consagrada – 5. Algumas conseqüências – 6. O guia da comunidade consagrada

Roma, 8 de setembro de 1998
Festa da Natividade de Nossa Senhora

Queridos Irmãos,

Estou contente por apresentar-vos a minha saudação, unida à dos membros do Conselho Geral, quando uma parte de vós prepara-se para iniciar o ano de atividade pastoral e outros pensam em recolher os resultados finais. Dirijo uma palavra especial de encorajamento e proximidade às comunidades que se encontram em situações difíceis devido às guerras e conflitos de variados tipos, particularmente na África. Por elas peço a vossa oração e a vossa lembrança.

A carta anterior sobre o núcleo animador estimulou uma reflexão salutar. Levantou, também, uma preocupação, que alguns se apressaram em exprimir-me. Ela dá-me ocasião de aprofundar ainda o tema que vai se tornando determinante na caminhada destes anos: a capacidade de animação da comunidade salesiana.

[1] C 3.

I. UMA VIDA CONSAGRADA

1. Um convite urgente

Freqüentemente vem à tona uma questão, quando se enfrenta esta temática. Refere-se ao peso, à incidência, ao influxo da nossa vida consagrada no trabalho de animação comunitária, na orientação da educação e na prática pedagógica. Não se refere principalmente ao tempo que a consagração permite dedicar, fator que se pode suprir com um maior emprego de recursos leigos, e nem mesmo às competências em dinâmicas comunitárias ou em educação, conseguidas hoje facilmente entre os leigos; mas justamente à qualidade específica trazida pela vida consagrada à comunhão, à proposta educativa pastoral, à prática pedagógica.

O CG24 esteve muito atento a essa problemática. Embora não lhe tenha dado um desenvolvimento unificado e orgânico, apresentou uma série de estímulos a serem repensados. Sem pretensão de ser completo, creio que se possam resumir alguns pontos.

Um primeiro ponto: a consagração, vivida com autenticidade e alegria, introduz algumas sensibilidades na comunidade educativa salesiana: o primado de Deus na vida[2], a relevância da espiritualidade no trabalho educativo[3], a atenção ao espírito salesiano[4], a visão do crescimento humano de acordo com o paradigma de uma nova humanidade, a abertura à experiência de Deus a jovens e adultos[5].

Desses acenos, recolhidos numa rápida leitura, vem um segundo ponto de atenção: a identidade do consagrado deve ser colocada em evidência «como força dinâmica e específica para a educação e a animação da CEP»[6]. Torna-se ur-

[2] Cf. CG24, 54.
[3] Cf. *ib.*
[4] Cf. CG24, 88.
[5] Cf. CG24, 152.
[6] CG24,45.

gente, pois, por parte dos consagrados, um aprofundamento da própria identidade[7], como razão última dos papéis que lhe são atribuídos e como possibilidade de desenvolvê-los com resultados plenos, conforme as finalidades que a Congregação se propõe.

A reflexão torna-se urgente, também em vista da descoberta da vocação do leigo[8] e da insistência sobre a sua máxima realização.

Ela deve levar os consagrados a cultivarem e compartilharem os dons provenientes da própria vocação, conscientes "daquilo que temos em comum como também das nossas diferenças" com os leigos, sabendo também que existe um ponto de encontro de todos: o coração oratoriano e o estilo do Bom Pastor[9].

Um terceiro ponto: o que foi indicado acima deve levar a superar uma certa desorientação por parte de alguns consagrados quanto à própria participação na comunidade educativa e diante dos espaços de intervenção abertos aos leigos[10]. A sua participação deve consistir mais na comunicação do espírito[11] do que na realização material do trabalho cotidiano. A relação com os leigos deve ser organizada baseada na partilha dos dons[12].

E ainda: para conseguir realizar este projeto, é preciso visar à formação inicial[13] e ao crescimento permanente, que ajudem os Salesianos «a aprofundarem a identidade da própria consagração e a amadurecerem convicções sólidas sobre o valor educativo da mesma consagração»[14].

O influxo da consagração na animação comunitária e na orientação da educação tem um particular desenvolvimento nos nn. 149-155 do CG24, cujo cerne parece ser a

[7] Cf. CG24, 140.
[8] Cf. CG24, 45.
[9] Cf. CG24, 102.
[10] Cf. CG24, 45.
[11] Cf. CG24, 88.
[12] Cf. CG24, 109-110.
[13] Cf. CG24, 167.
[14] *Ib.*

afirmação: «Dom Bosco quis pessoas consagradas no centro da sua obra, orientada à salvação dos jovens e à sua santidade. Queria os seus religiosos como ponto preciso de referência do seu carisma»[15].

Atribui-se esta sua vontade à inspiração divina; é determinante, então, para a missão, que não consiste apenas na promoção temporal, mas na proposta de santidade aos jovens. «Dom Bosco foi levado pelo Senhor a fundar uma comunidade de consagrados para que fosse fermento pela multiplicidade de serviços, animação espiritual para os que se dedicam à educação, garantia de continuidade na missão dos jovens»[16].

O carisma não se exprime, pois, em sua totalidade e autenticidade se faltarem os leigos; menos ainda, porém, se viesse a faltar a contribuição específica dos consagrados.

Derivam daí, para a comunidade salesiana, orientações como estas: «verifique freqüentemente a incidência da sua vida consagrada e comunitária; valorize as ocasiões para apresentar e explicar aos leigos e jovens o específico da vida consagrada em seu valor educativo»[17].

A mesma problemática vem **das comunidades religiosas,** e não só das nossas. Certos de que a educação, particularmente aquela feita através da escola, é uma atividade útil à evangelização, não poucos religiosos põem-se a questão quanto ao lugar dela em sua opção radical pelo Reino.

Diante da delegação das principais tarefas aos leigos, à entrega a eles da própria tradição pedagógica, alguns sentem-se desanimados quanto à própria contribuição, além da possibilidade de dedicação completa e da competência que essa dedicação comporta. Mesmo depois de ter priorizado os compromissos, como indica o CG24: formação, orientação, identidade educativa.

A partir da visão dos jovens, não poucos sublinham que estes conseguem perceber a profissionalidade e a genero-

[15] CG24, 150.
[16] CG24, 155.
[17] CG24, 167.

sidade do nosso serviço, mas nem sempre resulta perceptível a sua razão última e o seu sentido.

É real, por outro lado, que em algumas estruturas não se consiga fazer resplender a opção consagrada devido ao peso das atividades instrumentais: ficou-se nos meios, mais do que na evidência dos fins. O mesmo acontece no exercício de alguns papéis organizativos ou diretivos nos quais não se alcança a unidade entre profissionalidade e coração oratoriano, que define a imagem do salesiano.

Quanto à mesma comunidade, alguns lamentam não a perda, mas a debilidade de expressão, do sentido e das manifestações mais imediatas da consagração, como a fraternidade e a oração cotidiana. Embora reconhecendo que isso se deva à multiplicidade dos trabalhos inspirados na caridade pastoral, o fato representa um empobrecimento do testemunho da consagração e, para os mais jovens, uma dificuldade de vivê-la alegremente.

O CG24, e certamente os Capítulos Inspetoriais farão o mesmo, ocupou-se amplamente das relações a serem instauradas com os leigos, das modalidades fundamentais com que os religiosos se fazem presentes na comunidade educativa, do objeto principal de suas intervenções e das qualidades de sua ação. Não insistirei nesses pontos. Considero-os, se não realizados, pelo menos postos suficientemente sob a vossa atenção. Ocupei-me deles na Carta anterior: *Especialistas, testemunhas e artífices de comunhão*[18].

O discurso sobre a nossa consagração leva a fundo o significado dessas indicações, refazendo-se à sua fonte mais interior e pessoal. Nesse sentido foi também assumida em nossa programação para o sexênio[19].

2. Uma palavra-chave

As discussões dos últimos anos evidenciaram posições diversas sobre a vida consagrada e a sua colocação na Igreja.

[18] ACG 363.

[19] Cf. Suplemento ACG 358, Número especial, p. 16 (Estratégias n. 32, Intervenções n. 34).

As palavras-chaves, para introduzir-se no que se pode chamar de cerne, são várias: *carisma, seqüela Christi, missão.*

O Sínodo sobre a vida consagrada esteve consciente das diversidades e procurou reconduzi-las ao álveo comum. Pediu ao Papa que desse uma resposta precisa a algumas questões, para poder atuar um discernimento diante de desafios ameaçadores e desenvolver os valores permanentes da vida consagrada, também através de novas expressões.

Entre as questões a serem esclarecidas havia o elemento distintivo, que determina a identidade da vida consagrada e, portanto, também a sua contribuição específica à vida da comunidade cristã e à pastoral.

É sabido, porque já foi objeto de numerosos comentários, que a Exortação Apostólica coloca esse elemento na *consagração,* o que já estava presente no ensinamento que vai do Concílio Vaticano ao Sínodo sobre a Vida Consagrada. Tinha sido, porém, corroído tanto por uma interpretação restrita da consagração, como pelo novo perfil da vida consagrada na Igreja entendida como povo de Deus, como ainda pelo progresso da secularização, que levou a uma mudança de significado do "sagrado".

A declaração *Elementos essenciais do ensinamento da Igreja sobre a Vida Religiosa* (31 de maio de 1983) afirmava: «À base da vida religiosa está a consagração. Insistindo nesse princípio, a Igreja acentua a iniciativa de Deus e a relação diversa e nova que a vida religiosa comporta com Ele»[20]. Duas referências fundamentais determinam, então, a realidade de uma vida consagrada: a iniciativa de Deus, sentida pelo sujeito como apelo ou chamado, e a nova e singular relação com Ele, segundo a qual se orienta e organiza a existência.

A Exortação Apostólica *Redemptionis Donum* (25 de março de 1984), que entendia ir ao encontro do fecundo intercâmbio em curso, dizia dirigindo-se aos religiosos: «A Igreja pensa em vós, antes de tudo, como pessoas consa-

[20] *Elementos essenciais do ensinamento da Igreja sobre a vida religiosa,* 5.

gradas: consagrados a Deus em Jesus Cristo como propriedade exclusiva. A consagração determina o vosso lugar na vasta comunidade da Igreja, do povo de Deus. Ao mesmo tempo, ela introduz na missão universal desse povo um recurso especial de energia espiritual e sobrenatural»[21].

Consagração tornou-se, então, a palavra-chave com que se resume a condição e o caminho de santidade daqueles que se colocam, com profissão pública, na seqüela radical de Cristo. Todos os projetos de existência que respondem a esse propósito são designados como *vida consagrada,* embora entre eles ocorram diferenças notáveis quanto à modalidade, organização e finalidades imediatas.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* enfrenta o argumento diretamente, e fala dele com deliberada clareza, dando à consagração outros elementos qualificadores e distintivos desse gênero de existência. Lê-se no n. 72 cujo título é "Consagrados para a missão": «À imagem de Jesus, Filho dileto "a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo" (*Jo* 10,36), também aqueles que Deus chama a seguir a Cristo são consagrados e enviados ao mundo para imitar o seu exemplo e continuar a sua missão»[22].

Da consagração, que é definida como "nova e especial", esclarece-se o sentido e dissipam-se os mal-entendidos. Há uma continuidade com a consagração batismal porque esta é assumida de forma radical. Ao mesmo tempo há uma novidade, um "salto", um êxodo, uma intervenção de Deus, enquanto este tipo de existência não está necessariamente incluído na graça batismal. Comporta uma vocação ou chamado pessoal.

A excelência objetiva da vida consagrada não exclui outros objetivos excelentes em seu gênero (laical, sacerdotal), nem induz uma hierarquia espiritual. Gera, porém, uma diferença enriquecedora na comunhão, e representa então uma contribuição típica de sinal, anúncio, testemunho de vida cristã e serviço à missão da Igreja.

[21] RD, 7.
[22] VC, 72.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* sublinha que nenhum outro elemento, além ou separado deste, pode dar a fisionomia e justificar a presença da vida religiosa no mundo atual: nem os compromissos educativos ou sociais, nem o voluntariado nas situações pobreza, nem as lutas pelas grandes causas humanas; apenas o fato de sentir-se chamados a testemunhar o primado de Deus e acolher a centralidade indispensável de Cristo na orientação e na organização da própria existência. E como não podem dar o traço original, outras motivações não são suficientes para assumir uma existência consagrada. Percebe-se então a debilidade, particularmente hoje, de uma vocação movida apenas pelo entusiasmo com o trabalho juvenil ou a promoção dos pobres e outros semelhantes. Essas motivações esgotam-se caso não possuam raízes mais sólidas e definitivas.

O que se disse presta-se a alguns comentários.

Nem todos entenderam o peso dessa opção e insistência. Tive a oportunidade de ouvir, em congressos e encontros, algumas reservas a respeito. É útil colher os motivos pelos quais aqui e ali se insinuam essas reservas, também em nossos ambientes.

Há quem tema que se volte a pensar nos religiosos como pessoas constituídas publicamente numa situação social diversa, coisa já "estranha" à mentalidade atual. Isso está totalmente excluído. Da nossa escolha de Deus não provêm prerrogativas ou privilégios de "status", nem em âmbito secular nem eclesial. E vale a pena recordar que a nossa existência não é protegida, mas exposta.

Outras reservas vêm, ainda, da suspeita de que os consagrados considerem a si mesmos, e sejamos tidos pelos outros, como "superiores". A "excelência objetiva" da vida consagrada, a "nova especial consagração", o termo "mais" (mais radical, mais intensa, mais próxima, mais conforme), repetido freqüentemente para descrever o empenho do religioso em relação às exigências pedidas a todo cristão, causa desconfiança. Como também o temor que os religio-

sos apareçam organizados numa categoria separada, em contraste com a atual visão eclesial de comunhão a ser realizada também em âmbitos imediatos, como as igrejas locais e as comunidades paroquiais.

Há também outras duas dificuldades levantadas por alguns. Uma, de tipo pastoral: que a afirmação antes e quase isolada da relação pessoal com Deus centralize novamente os religiosos na própria perfeição, separando-os do ser para o mundo. A outra, espiritual: que isso determine uma visão intimista ou dualista da experiência cristã (sacro – profano; espiritual – corporal; relação com Deus – ação no mundo). Os dois aspectos tocam-nos de perto pelas finalidades apostólicas da nossa Congregação, delineadas no artigo 6º das Constituições, e pela espiritualidade ativa que se inspira na caridade pastoral.

Nenhum dos significados que provocam essas diferenças está compreendido no termo consagração, de acordo com o aprofundamento feito nos últimos anos. Antes, esclarece-se o sentido total que a consagração tem. Ela compreende ao mesmo tempo todos os elementos de um projeto de vida em Deus: conselhos evangélicos, missão apostólica, comunhão fraterna, espiritualidade. Não se trata de um elemento "organizativo" diverso ou acima do conjunto deles, mas o acontecimento que está em sua base. É a graça e a relação que a todos compreende. O que nos é familiar, porque encontrado em nossas Constituições: «Missão apostólica, comunidade fraterna e prática dos conselhos evangélicos são os elementos inseparáveis da nossa consagração, vividos num único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos»[23].

A consagração não consiste na disposição externa da vida, mas numa graça que transforma interiormente. A nossa Regra afirmará que fomos consagrados não por uma pessoa ou instituição humana, nem por força de um gesto mesmo litúrgico, mas com o dom do Espírito: «O Pai nos

[23] C 3.

consagra com o dom do seu Espírito e nos envia para sermos apóstolos dos jovens»[24].

Trata-se de um motivo retomado continuamente em nossas Constituições com outras palavras equivalentes: vocação, aliança com Deus, doação total, amor de predileção, opção radical. Todas elas indicam uma só coisa: uma relação particularíssima de Deus e com Deus, que marca a nossa experiência pessoal e o nosso trabalho educativo.

Por causa deste sentido total (seqüela de Cristo com os votos, vida de comunhão, formas concretas de missão) dão-se muitas formas ou tipos no interior da vida consagrada. A consagração não é una na modalidade, mas tem múltiplas expressões. É importante entender isso para não confundir consagração com o aspecto só estritamente "religioso", criando uma espécie de dualismo quanto aos compromissos pastorais, mais ainda quando estes, como é o nosso caso, desenvolvem-se em âmbito secular e exigem profissionalidade e relações também seculares.

Pela nossa unidade pessoal, pelo nosso testemunho, pela contribuição a dar na comunidade educativa, interessa redescobrir alguns aspectos da consagração. Hoje, mais do que como um "momento" singular, ela é pensada como um "continuum" que compreende a existência inteira; mais do que como um "estado" em que se é estabelecido, de uma vez por todas, ela é tida como um dom, um caminho a percorrer, uma relação a cultivar. «A vida inteira, dedicada ao serviço de Deus, estabelece uma consagração especial»[25].

A vida consagrada compreende a experiência pessoal do apelo ou vocação, a acolhida da iniciativa de Deus na fé, a opção de um projeto de discipulado ou seqüela de Cristo, o reconhecimento, por parte da Igreja, da ação de Deus em nossa pessoa e a inserção pública do projeto escolhido em sua missão.

[24] *Ib.*

[25] *Elementos essenciais do ensinamento da Igreja sobre a vida religiosa*, III, 4.

Penso que seja útil repensar e reviver esses aspectos e passagens. Eles não têm apenas um valor doutrinal, de iluminação, mas representam uma condição para a expressão viva da consagração em nossos ambientes.

3. A alegre experiência de um dom recebido

«Um *apelo* acompanhado de uma *atração* interior», diz a Exortação *Vita Consecrata* falando da consagração[26]. «*Uma experiência singular da luz* que promana do Verbo Encarnado constituem certamente os chamados à vida consagrada»[27]. «Quem recebeu a graça desta especial comunhão de amor com Cristo, sente-se como que *arrebatado pelo seu fulgor*»[28].

Muitos "motivos" transversais da Exortação Apostólica insistem nesse elemento subjetivo, que é o sinal e o primeiro passo da consagração: apelo da beleza que atrai, sentir-se alcançado por uma particular manifestação de Cristo[29], ser arrebatado no horizonte do eterno[30] ou envolvido no fulgor da verdade, fazer experiência de Deus amor, felicidade interior para um conhecimento novo, fascínio da sabedoria.

A consagração consiste no fato que Deus se faz perceber em nossa vida de forma singular até envolvê-la totalmente e tornar-se o seu "motivo" principal, Aquele que mais escutamos e para quem olhamos com mais atenção e gosto. E não por obrigação religiosa ou ética, mas como vida, sentido e alegria.

Esta atração ou paixão de Deus é um dado e uma experiência que podemos reviver *a posteriori*. Ela marca o percurso da nossa decisão vocacional. Recordamos, certamente, quando e por que nos decidimos por Ele, como os esposos

[26] VC, 17.
[27] VC, 15.
[28] *Ib.*
[29] Cf. VC, 14.
[30] Cf. *ib.*

recordam-se do momento em que se deu o seu encontro e como se acendeu a atração recíproca.

Para alguns pode ter sido uma iluminação repentina num momento de particular intensidade espiritual, por exemplo, um retiro. Para a maioria, entretanto, tudo aconteceu gradualmente: uma primeira amostra no contato com ambientes ou pessoas ligadas ao religioso, nos quais se compreendeu um valor particular; depois, aos poucos, foi-se descobrindo a fonte de onde esses valores promanam; participou-se da experiência daqueles que nos impressionaram pela amizade, a colaboração e as confidências. Descobriu-se um panorama de vida novo e repleto de sentido. Enfim, sentimo-nos "presos", segundo a expressão de São Paulo: «Fui conquistado por Jesus Cristo»[31].

É a expressão bíblica de pertencer a Deus e não conseguir separar-se dele, embora conscientes de nossas fraquezas e infidelidades: «Seduziste-me, Senhor, e deixei-me seduzir. (...) Havia um fogo ardente em meu coração, comprimido dentro de meus ossos; esforçava-me por suportá-lo, mas não conseguia»[32].

Ouvimos, às vezes, dessas histórias pessoais quando, nos encontros juvenis, algum/a jovem professo/a conta aos companheiros como e por que se decidiu a entrar na vida religiosa.

As narrações são muito variadas quanto às particularidades e circunstâncias. Existe, porém, em todos um mesmo esquema: depois de um primeiro vislumbre do valor de Cristo, de Deus Pai, para a própria vida, a reflexão levou-os a escolhê-lo como "o amor" da própria existência, preferindo-o a outras possíveis experiências humanas. É o início. Ouvimos a história mais completa de religiosos, também irmãos nossos, que responderam alegremente ao apelo.

A consagração não consiste principalmente num decreto, num conjunto de sinais externos, num estado social,

[31] *Fl* 3,12.
[32] *Jr* 20,7-9.

numa separação do mundo, mas no fato de Deus ter entrado na existência de uma pessoa e nela ter tomado o lugar principal, habitando nela e tornando-a interlocutora e companheira.

Não é, portanto, exclusiva dos religiosos, e nem sequer dos cristãos. Onde quer que Deus intervenha, criando ou salvando, Ele consagra com a presença do seu amor e dá uma dignidade inviolável. A primeira consagração é a existência humana: é o primeiro ato de amor que estabelece o caráter intangível da pessoa, a sua superioridade sobre tudo e ainda os traços fundamentais da nossa existência.

Através da fé e do batismo, que são autocomunicação de Deus através do ministério da Igreja, a nossa pertença a Ele torna-se consciente e transforma-se em princípio de um novo desenvolvimento pessoal. Nós mesmos explicamo-lo tantas vezes aos jovens quando falamos da consagração do batismo que nos faz filhos de Deus, membros do seu povo, templos do Espírito.

A coisa mais singular do consagrado na vida religiosa ou no "século" é que ele sente isso tudo como o elemento principal, um ponto irrenunciável para a própria realização. Deus alcança-o no momento em que faz o projeto da própria vida e através do dom do Espírito atrai-o a si de forma radical e exclusiva: é o fato original da consagração que a Igreja discernirá, tornará público, confirmará inserindo esse dom em sua comunhão e missão.

O recente congresso dos jovens religiosos, realizado em Roma, em outubro de 1997, exprimiu este primeiro elemento da consagração no mote: *Vidimus Dominum*. Tivemos uma experiência de encontro, revelação, "visão" do Senhor.

A vivacidade dessa experiência não deve diminuir com o aumento da idade ou o enraizar-se do hábito. Antes, ela é chamada a amadurecer e preencher a vida. Caso caísse, a vida religiosa perderia a própria motivação e seria arrastada para o profissionalismo, isto é, para a tão-somente realização correta dos próprios deveres.

Aconteceria a nós o que acontece aos casais cansados, que continuam a conviver em paz, mas que não esperam dessa convivência nem novidade nem felicidade.

Acrescento que hoje isso é indispensável. Vivemos tempos de emergência do "subjetivo"; a comunicação leva a sublinhar "a emoção"; os jovens vão para onde leva-os "o coração"; menos indicada que nunca é a "genericidade", uma proposta que não toque a vida. Aos jovens religiosos o Papa dizia: «Esta sabedoria (da vida consagrada) é o *sabor* do mistério de Deus, o *gosto* da intimidade divina; mas é também a beleza do estar juntos em seu nome»[33].

4. A confissão da iniciativa de Deus

Ao corresponder-se a essa intuição, gosto, percepção nítida da presença de Deus e da atração de Cristo e da nossa alegre acolhida, vai-se enraizando em nós a convicção de termos sido destinatários da atenção e do amor de Deus, não, em geral, como indivíduo na massa, mas pessoalmente: «Chamei-te pelo nome»[34].

«Escolheu-nos antes da criação do mundo para que fôssemos seus filhos adotivos»[35]. A Escritura está repleta de expressões desse teor quando descreve a atitude de Deus conosco.

O primeiro passo foi dele. Não fomos nós que o alcançamos; mas foi Ele quem veio até nós e entrou em nossa existência. A categoria "dom" para interpretar o fato, não só da vocação, mas da mesma existência, é dominante e é usada continuamente na Exortação Apostólica.

Chama a atenção o uso do verbo "consagrar" no passivo. Diz-se com freqüência que «fomos consagrados». A consagração não é um esforço nosso para chegar a um certo grau de virtude ou colocar o pensamento de Deus no

[33] João Paulo II, *Mensagem do Congresso VIDIMUS DOMINUM* dos jovens religiosos, *29-9-1997*.
[34] *Is* 43,1.
[35] *Ef* 1,4.

centro da nossa vida. Isso é sobretudo conseqüência do fato que está muito dentro de nós e na base do nosso projeto. A consagração é uma visita, um dom, uma vinda de Deus em nossa direção, uma irrupção da sua graça em nossa vida. A iniciativa é expressa no evangelho com o olhar que Jesus dirige a alguns, o chamado, o convite, o fascínio que Ele suscita, o envolvimento prático, a interpelação, a visita em casa.

Vê-se o mesmo nas vocações proféticas. Elas são repentinas e imprevisíveis. Não é o profeta que vai em busca de Deus, mas é Deus que o reveste, o ocupa. Amós diz que caminhava com o seu rebanho quando ouviu a voz de Deus[36]. Os outros profetas falam de movimento semelhante, embora em circunstâncias muito diversas. Normalmente, para exatidão teológica, seguindo a ordem da causalidade, esse elemento é enunciado em primeiro lugar.

A iniciativa é do Pai que nos coloca na rota de Cristo. «Está aqui o sentido da vocação à vida consagrada: uma iniciativa total do Pai (cf. *Jo* 15,16), que requer daqueles que ele escolhe uma resposta de dedicação plena e exclusiva»[37]. Jesus chama, convida: «A alguns Ele pede uma adesão total, que implica o abandono de tudo (cf. *Mt* 19,27) para viver na intimidade com Ele e segui-lo para onde quer que vá»[38]. A iniciativa pertence ao Espírito que, do profundo da consciência e da mente, produz aberturas, revelações, gostos, propósitos, tendência, amor por Deus e a sua obra. «É o Espírito que suscita o desejo de uma resposta plena; é Ele que orienta o crescimento desse anseio, fazendo amadurecer a resposta positiva e sustentando, depois, a sua fiel realização»[39].

Trata-se de abrir-se à escuta, de responder, de deixar-se ocupar, de acolher. A iniciativa e as possibilidades não

[36] Cf. *Am* 1,1.
[37] VC, 17.
[38] VC, 18.
[39] VC, 19.

estão em nós. É preciso sentir a presença que nos fez objeto de sua predileção e responder com amor. A consagração é toda fundada na relação: não é principalmente um esforço a superar em si mesmos, mas um confronto, uma luta com Deus. Domina, no ícone de Jacó em luta com Deus, o desejo da proximidade e bênção do Senhor, do qual não se pode separar, embora às vezes a sua presença provoque resistência em nós. A imagem exprime com vigor uma relação sentida como vital, também numa existência problemática.

A iniciativa de Deus não deve permanecer um "segredo" pessoal, uma doutrina teológica, mas tornar-se uma "confissão" ou proclamação que explique aos jovens a nossa opção de vida. Convém, sobretudo, despertá-la nos inevitáveis momentos de prova, cuja solução confiamos freqüentemente apenas à nossas forças.

5. Um projeto de vida em Deus

Dos dois fatos descritos acima, que são existencialmente um só (presença de Deus – acolhida; vocação – resposta; apelo – seqüela; dom – correspondência; revelação – adesão), deriva um terceiro: a orientação e a opção de vida.

Amadureceu em nós a convicção e o sentimento de que somos seus, que «nele nos movemos e existimos»[40], que Ele é o primeiro e o único importante, não em abstrato e em geral, para o mundo ou para o gênero humano, mas para nós.

Nele concentramos expectativas e esperanças. Buscamo-lo «desde a aurora»[41], ou seja, continuamente, como fonte de sentido, como interlocutor, como companhia.

Provém daí uma ligação que nos vai enchendo de luz e de paz, também psicologicamente, e nos caracteriza diante do mundo. O consagrado é aquele que colocou no cen-

[40] *At* 17,28.
[41] *Sl* 62,2.

tro de sua existência Deus e o valor religioso, a fé e o que ela oferece. «O Senhor é a parte da minha herança»[42].

Isso não é só um vago desejo, mas um propósito. O esforço é para chegar a viver o mistério de Deus não como uma breve pausa semanal ou diária, por exemplo na missa ou na oração, mas como uma relação permanente, capaz de inspirar decisões e modalidades de vida.

Assumimos, por isso, um projeto concreto, uma forma de existência visível, que carrega o sinal de Deus. Incorporamo-nos numa comunidade que se reconhece já na mesma opção e predispôs um caminho para desenvolvê-la.

Também este tipo de vida comunitária é "consagrado", não em força de uma separação material do mundo, dos sinais ou das práticas externas (seria esta uma visão estranha à fé cristã) mas, justamente porque a comunhão surge da ação permanente do Espírito, a vida é organizada sob a inspiração do evangelho e a Igreja reconhece-o como uma das suas expressões autênticas e visíveis. Nossas Constituições exprimem-no no art. 50: «Deus nos chama a viver em comunidade... (Nelas) formamos um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus e para nos ajudarmos uns aos outros»[43].

Sublinha-se nesse projeto o desejo de conformar-se a Cristo, expresso nos conselhos evangélicos assumidos com voto. Eles, embora precisos em seu objeto específico, têm um significado aberto à generosidade e criatividade sem limites.

Exprimem o cerne do evangelho e são sinal da vida que nele se inspira. Hoje, eles são expostos a muitos sérios interrogativos e a novos desafios. E é mais que supérfluo retomar uma reflexão sobre eles em relação com as correntes, modas ou hábitos atuais, para redescobrir a sua força propositiva e a sua carga de contestação e profecia. Os de-

[42] *Sl* 16,5.
[43] C 50.

safios, de fato, provocam novas expressões e fazem surgir novas mensagens. O fato de entendê-los em sentido evangélico, escolhê-los como modalidade de vida, decidir-se por professá-los publicamente, ser criativos no exprimi-los hoje é um dom que procede da Trindade e reflete o seu mistério de doação.

À imitação é preciso acrescentar duas outras exigências. Primeiramente o traço, a amizade e a intimidade com Cristo. A assunção de suas preferências e de suas atitudes seria insuficiente. É preciso a relação pessoal. Jesus é uma pessoa viva com quem encontrar-se e em quem viver. Estabelece-se entre o consagrado e Ele uma relação profunda. Ensina-o a vida dos discípulos. Jesus, de fato, teve ouvintes, admiradores, sequazes, discípulos e alguns que lhe foram particularmente íntimos e amigos: «Vós sois meus amigos»[44]. Eram movidos pelo desejo de compartilhar a vida com Ele num estar juntos. «Mestre, onde moras?»[45]. Repete-se e deve ser meditado que a consagração insere mais intimamente na vida e no mistério pascal de Cristo.

Hoje, quando todos os vínculos institucionais parecem fracos e todas as pertenças formais, transitórias e pouco eloqüentes, a experiência pessoal torna-se testemunho convincente e garantia de fidelidade.

Torna-se oportuno um comentário: é conveniente dar espaço às manifestações afetivas de amizade com Cristo, além das efetivas. É preciso evitar dois extremos: converter o amor em sentimento superficial, um simples movimento de sensibilidade e, o outro extremo, tornar árido o nosso coração com o esquecimento ou o intelectualismo. Se, muitas vezes, no amor de Deus, a vontade fica travada, isso acontece também porque a nossa sensibilidade humana está atrofiada. Enquanto a fé ou o pensamento de Deus não atingem os sentimentos, eles permanecem marginais e inoperantes. Santos existiram que manifestaram com ter-

[44] *Jo* 15,14.
[45] *Jo* 1,38.

nura o próprio amor por Deus. Podemos recordar São Francisco de Assis, mas não menos, embora com outro estilo, São Francisco de Sales, em cuja espiritualidade nos inspiramos.

Além da imitação e da intimidade há a participação ativa em sua causa, isto é, gastar-se por aquilo que Ele trabalhou e sofreu. Ocupar-nos-emos disso mais adiante, verificando o predominante caráter apostólico da nossa consagração.

O caminho de amizade, imitação, participação, discipulado, é denominado na Exortação Apostólica como «conformação a Cristo»[46]. «Na verdade, pela profissão dos conselhos, o consagrado não só faz de Cristo o sentido da própria vida, mas preocupa-se por reproduzir em si mesmo, na medida do possível, «*aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo*» (*LG*, 44)[47].

Este aspecto da consagração provoca-nos ainda alguns interrogativos práticos e salutares. O que foi e é objetivamente o núcleo gerador e iluminante do projeto, a opção por Cristo, conserva no coração e na vida a sua centralidade a ponto de dar luz e calor ao resto?

Conseguimos fazer com que os jovens e colaboradores percebam que a nossa vida desenvolve-se sob a energia de um grande "amor", que nos pareceu vantajoso, também humanamente?

6. A profissão pública

Os três fatos: chamada-resposta-projeto, presença-acolhida-opção, convite-correspondência-aliança são expressos pela profissão. Nela a pessoa "consagra-se" no sentido corrente de oferecer-se, votar-se, colocar-se inteiramente à disposição. O Senhor, como no Batismo, consagra quem

[46] VC, 16.
[47] *Ib.*

o Espírito levou a oferecer-se e dá-lhe uma nova graça para que caminhe com Cristo em novidade de vida[48].

As mais antigas fórmulas são concisas e essenciais. As atuais são bastante longas e analíticas. Todas, porém, sublinham que o objeto da consagração não são as coisas, nem as atividades ou as obrigações morais, mas a pessoa; que a razão última não é a obrigação, mas o amor de Deus sentido e o desejo de a ele corresponder; que os principais sujeitos são o Senhor e quem professa: «Deus Pai, me consagrastes a Vós». (...) «Eu ofereço-me totalmente a Vós»[49].

«A profissão religiosa é um sinal do encontro de amor entre o Senhor que chama e o discípulo que responde, doando-se inteiramente a Ele e aos irmãos»[50]. As exigências da consagração são, pois, totais, exclusivas, perpétuas: tudo, somente, para sempre. Prevaleceu, num determinado período a fórmula "até à morte". Não era uma determinação de tempo, mas de intensidade: até ao holocausto, à consumação.

A profissão tem uma importância singular na organização e no desenvolvimento da nossa vida espiritual. Não é um ato passageiro, um rito que se realiza e termina deixando compromissos a serem respeitados, mas o início de uma relação que se prolongará pela vida toda, como a do matrimônio. Dela deverão brotar atitudes, gestos e orientações de vida. Resulta, pois, não apenas um propósito de santificação, ou contrato de pertença a uma comunidade; mas, sobretudo, uma fonte de graça, como para os esposos a promessa inicial de pertença recíproca.

A existência será construída sobre a graça que se recebe e o empenho de a ela corresponder. O seu influxo no cotidiano faz a diferença entre o salesiano autêntico e o incolor. Por isso é mais que oportuna a preparação imedia-

[48] Cf. RD, 7.
[49] C 24.
[50] C 23.

ta, especialmente à profissão perpétua, que já se tornou comum na Congregação. Não se deve torná-la "restrita" no tempo e no conteúdo, mas qualificá-la, quanto à inspiração como à tomada de consciência da experiência feita.

A profissão é o reconhecimento público, por parte da Igreja, da irrupção de Deus na vida de uma pessoa, da vontade dessa pessoa de viver tal evento na comunidade cristã e a serviço do Reino, não, portanto, de forma intimista e individual. Ela é reconhecida pela Igreja que a reconhece e incorpora na comunhão e missão do povo de Deus. Autentica o dom e faz-se mediadora da consagração[51]. A liturgia, com efeito, valoriza a profissão com uma celebração especial: invoca sobre as pessoas o dom do Espírito Santo e associa a sua oferta ao sacrifício de Cristo, enquanto a presença numerosa da comunidade dá ao ato um relevo carismático e eclesial.

Esta intervenção da Igreja deve ser relacionada a um ponto discutido e sofrido hoje em alguns ambientes, sobretudo do ponto de vista prático: o caráter indispensável da vida consagrada para a qualidade da comunhão e missão da Igreja. Lemos na Exortação Apostólica: «A vida consagrada presente desde os inícios, *jamais poderá faltar* à Igreja como um elemento próprio irrenunciável e qualificante, enquanto expressivo da sua mesma natureza»[52].

«A concepção de uma Igreja unicamente composta de ministros sacros e de leigos não corresponde, pois, às intenções do seu Divino Fundador, como resultam dos Evangelhos e dos demais escritos neo-testamentários»[53].

A "profissão" não é genérica promessa de amor, concebida e expressa subjetivamente, mas assunção de um projeto real, suscitado pelo Espírito, vivido pelo Fundador até à santidade, reconhecido pela Igreja como caminho eficaz para a *seqüela Christi*. Leva, portanto, a uma «renovada

[51] Cf. *Elementos essenciais do ensinamento da Igreja sobre a vida religiosa*, I, 8.
[52] VC, 29.
[53] *Ib*.

referência à Regra»[54], que recolhe o espírito, a disciplina e os caminhos já experimentados para a realização do projeto.

É atual a preocupação pela espiritualidade. E alguns vão em busca de livros que a proponham e expliquem. Ela já se encontra nas Constituições, meditada por sucessivas gerações que a viveram; é magnificamente apresentada em fórmulas originais que refletem essa longa vivência. Uma leitura rápida ou apenas a escuta comunitária não fazem justiça à profundidade e riqueza do texto. Uma "lectio" que valorize o conjunto e cada uma das expressões, que confronte o significado dessas expressões com a história do carisma e com a vida pessoal, haverá de ajudar-nos a perceber a sabedoria do caminho que a profissão nos oferece.

Sabemos que «a nossa regra viva é Jesus Cristo, o Salvador anunciado no Evangelho, que hoje vive na Igreja e no mundo, e que descobrimos presente em Dom Bosco»[55]. Justamente por isso «acolhemos as Constituições como testamento de Dom Bosco... meditamo-las na fé e comprometemo-nos a praticá-las. São para nós, discípulos do Senhor, um caminho que leva ao Amor»[56].

Vê-se de quanto expusemos aqui que a vida vai se tornando sempre mais autenticamente consagrada através do apelo ou convite de Deus, da experiência sentida da sua presença, da vontade de corresponder, de um projeto concreto de vida, que coloca Jesus Cristo no centro da existência, e do gesto da Igreja que insere tudo isso na própria comunhão e missão.

A consagração abraça toda a vida e realiza-se num crescendo: um encontro, uma aliança, um pacto de amor e de fidelidade, a comunhão final.

[54] VC, 37.
[55] C 196.
[56] *Ib.*

7. Algumas conseqüências

Podemos agora buscar algumas expressões não secundárias para a nossa presença entre os jovens e os leigos.

Os consagrados **assumem a santificação como o propósito principal da vida.** Isso é comum a todas as formas de vida consagrada. Em seu estilo de existência, de relação, de trabalho querem viver e comunicar, de alguma maneira, o mistério de Deus, libertador, próximo, através da «conformação a Cristo de toda a existência»[57]. Quereriam ser uma memória viva de Cristo[58].

As Constituições afirmam que a santidade é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens[59]. Para eles, com efeito, é difícil construir a própria humanidade. Chegam-lhes de fora mensagens e sugestões discordantes e contraditórias. Com dificuldade conseguem avaliar, discernir e, sobretudo, escolher e orientar-se. O clima libertário torna trabalhosa a escuta da consciência e o amadurecimento de critérios morais.

Não lhes é nem mesmo fácil, no contexto secular, perceber a transcendência e crer que Cristo vive hoje e não é apenas uma edificante história do passado.

Colocada assim, em estrita relação com a missão, a santidade torna-se a principal contribuição dos Salesianos religiosos à educação e à promoção humana. De fato, a santidade tem um valor temporal não só pelas obras de caridade em benefício dos pobres, mas pelo horizonte, sentido e dignidade que insere na convivência humana.

Tem, portanto, um primado sem par na existência dos consagrados. O seu projeto de vida comunitário assegura-lhe as dimensões essenciais na justa prioridade: a contemplativa ou de oração e interioridade, a apostólica de doação pelo Reino, a ascética de penitência e êxodo. Toda

[57] VC, 16.
[58] Cf. VC, 22.
[59] Cf. C 25.

a vida numa relação de intimidade e colaboração com Cristo sob a guia do Espírito.

Outra conseqüência relacionada à anterior é que os consagrados aparecem como **especialistas da experiência de Deus.** Tal experiência está na origem da sua vocação. O projeto de vida que assumem tende a cultivá-la. Privilegia-a em termos de tempo e de atividade. Todos os cristãos, por outro lado, devem e querem fazer uma certa experiência de Deus; mas só podem dedicar-se a ela fragmentariamente e em condições de vida menos favoráveis, correndo o risco de descuidar-se dela.

Os consagrados propõe-se como interlocutores a todos o que no mundo estão em busca de Deus. Aos cristãos, oferecem a possibilidade de fazer, na companhia deles, uma experiência religiosa renovada; com os que não crêem, colocam-se ao seu lado no caminho de busca.

Hoje, esse serviço está tornando-se atual e exigido. Demonstra-o a abertura de mosteiros e conventos para aqueles que desejam servir-se deles para jornadas de reflexão. Nós, por outro lado, somos chamados a fazer um serviço semelhante com os jovens.

Há na vida uma lei que é aplicada em todos os âmbitos: nenhum valor permanece vivo na sociedade sem um grupo de pessoas que se dediquem completamente a desenvolvê-lo e sustentá-lo. Sem a classe médica e a organização dos hospitais seria impossível a saúde. Sem os artistas e as instituições correspondentes decai o sentido artístico da população. O mesmo acontece com o sentido de Deus: os religiosos, contemplativos ou não, constituem aquele corpo de místicos capaz de ajudar, pelo menos a quem está perto, a ler a existência à luz do Absoluto e a fazer sua experiência.

Isso pertence aos propósitos essenciais da vida religiosa. Com efeito, os Fundadores colocaram o sentido de Deus acima de todas as atividades e aspectos da própria instituição. Crentes e não crentes advertem a mediocridade religiosa dos consagrados como uma deformidade. Os própri-

os religiosos sentem um vazio que não pode ser preenchido quando essa dimensão desaparece.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* viu a vida religiosa como espaço privilegiado para o diálogo entre as grandes religiões[60], porque existe em sua origem uma opção que, em termos gerais, é compartilhada por todas as pessoas profundamente religiosas.

As Constituições salesianas recordam-no no art. 62: «Num mundo tentado pelo ateísmo e pela idolatria do prazer, da posse e do poder, o nosso modo de viver testemunha, especialmente aos jovens, que Deus existe e o seu amor pode saciar uma vida»[61].

Manifestação deste nosso perfil profissional é a experiência pessoal de Deus, que se tornou consciente, buscada, aprofundada e amadurecida como adultos; é a competência na iniciação de outros, especialmente os jovens. Eles desejam, pelo menos como curiosidade ou sensação passageira, ter algum momento espiritual. Demonstra-o a freqüência às casas de retiro. Seria triste se os consagrados estivessem ocupados mais em administrá-las do que qualificados na guia das pessoas à vida espiritual.

II. A NOSSA CONSAGRAÇÃO APOSTÓLICA[62]

1. A singularidade da consagração "salesiana"

A vida consagrada tem uma realização original no carisma salesiano. Já fizemos alguns breves acenos sobre isso para manter o discurso unitário. Examinemo-lo agora mais profundamente.

As Constituições dizem que a nossa consagração é apostólica: «A missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto»[63]. O apelo de Deus chegou-nos através da expe-

[60] Cf. VC, 101-102.
[61] C 62.
[62] Cf. C 3.
[63] C 3.

riência da missão juvenil; ela foi para muitos a faísca que ateou o fogo da seqüela.

Na missão empenham-se, manifestam-se em sua singularidade carismática e crescem em nós os dons da consagração. Existe um único movimento de caridade que atrai a Deus e move para os jovens, especialmente os mais pobres, que estimula os gestos de amor e correspondência ao Pai e leva aos serviços de que os jovens precisam.

Antes, as duas dimensões agem circularmente: contemplamos a Deus em sua presença providente e em sua obra de salvação, entrevemo-lo nos acontecimentos, compreendemos os seus sentimentos e a sua ação à luz da imagem do Bom Pastor, que busca as pessoas e dá a sua vida na Cruz. Vivemos o trabalho educativo com os jovens como um ato de culto e uma possibilidade de encontro com Deus.

Se faltasse ou diminuísse uma dessas dimensões, tornar-se-ia descolorida a nossa alegre experiência educativa, o nosso projeto de vida espiritual: numa palavra, a graça típica da nossa consagração recairia no genérico, o carisma seria desvalorizado.

É verdade que a nossa espiritualidade desequilibra-se para o lado da ação. De fato «trabalhando pela salvação da juventude, o salesiano faz experiência da paternidade de Deus e reaviva continuamente a dimensão divina da própria atividade»[64].

Da mihi animas, espiritualidade apostólica, caridade pastoral, coração oratoriano são todas palavras que dão a medida da originalidade e unidade que gostaríamos de dar à nossa vida. Torna-se verdadeiro para nós o que *Vita Consecrata* afirma em geral dos consagrados: «compreende-se em seu chamado o empenho de dedicar-se integralmente à missão»[65], assim como é verdade que, na realização da missão, encontramos a matéria, a motivação e os estímulos para viver em profundidade o amor de Deus que

[64] C 12.
[65] VC, 72.

«antecipa a toda criatura com a sua Providência, segue-a com sua presença e salva-a com a doação da própria vida»[66].

A nossa missão, é preciso insistir, centra-se na área juvenil e segue o caminho educativo. O carisma manifestou-se entre essas coordenadas, e nelas encontramos ainda o segredo da nossa possível vitalidade. Existe aí hoje um amplo campo de criatividade, tanto quanto à colocação das forças, como à reformulação dos conteúdos, ou à renovação da ação.

Longe de nós, portanto, qualquer dicotomia entre interioridade e empenho pastoral, entre espírito religioso e trabalho educativo ou qualquer fuga a formas de vida que não correspondam às três palavras de Dom Bosco: *trabalho, oração, temperança.*

É preciso, contudo, um esclarecimento, no qual não me detenho porque o considero adquirido: a missão não consiste no trabalho profissional que se realiza. Um religioso ou religiosa é educador ou educadora com todos os outros, mas não como todos os outros. A missão não é nem mesmo apenas um serviço pastoral que se pretende prestar. É uma experiência espiritual, um sentir-se colaborador de Deus, saber-se "enviado" por Ele através das mediações em que vemos a expressão da sua vontade, primeiramente a profissão religiosa na qual manifestamos o propósito de seguir o seu chamado, e estar unidos a Ele na sua obra em favor do mundo e de cada pessoa.

As finalidades da missão vão além dos resultados, mesmo ótimos, que se possam obter num trabalho profissional. Consistem em viver, testemunhar e anunciar o Reino de Deus: a possibilidade de vida para todos, particularmente para os pobres, a revelação do amor que Deus tem por cada um, o sentido da existência. O tipo de vida que assumimos e o trabalho que realizamos servem como vias e instrumentos a essas finalidades.

Essa é a linha da narração que Dom Bosco faz da própria vida nas Memórias do Oratório a partir do primeiro

[66] C 20.

sonho. «O Senhor enviou-me aos jovens, por isso é preciso que me poupe nas outras coisas estranhas e conserve a minha saúde para eles»[67]. Essa é uma convicção permanente, que se vai enraizando nele com sempre maior profundidade à medida que decorre o tempo de vida e os acontecimentos se vão entrelaçando. «A persuasão de viver sob uma singularíssima pressão do divino domina a vida de Dom Bosco, está na raiz das suas resoluções mais audazes e está pronta para explodir em gestos não comuns. A certeza de ser instrumento do Senhor para uma missão singularíssima foi nele profunda e sólida, o que fundamentava nele a atitude religiosa característica do servo bíblico, do profeta que não se pode subtrair à vontade divina»[68].

A "dimensão interior e ulterior" da missão distingue o enviado do funcionário competente e consciencioso, do profissional convicto e satisfeito com o próprio ofício e está na origem das atitudes que configuram a espiritualidade apostólica. Livra-nos do apego excessivo às satisfações e ao sucesso, do desejo, às vezes inconsciente, da própria afirmação, do individualismo. Faz-nos atentos às dimensões do nosso trabalho e infunde um senso de serena confiança.

2. A originalidade "consagrada" da nossa missão apostólica

São muitos os que se envolvem no apostolado, também juvenil e educativo. Não poucos fazem-no hoje com espírito salesiano.

A missão dos religiosos tem, entretanto, algumas características próprias pelo que o seu serviço aparece como qualificante na comunhão eclesial, diverso de um igual serviço material oferecido numa outra condição de vida.

É interessante meditar essa afirmação porque nos toca de perto: como educadores, fazemos tudo o que faz um

[67] MB VII, p. 291.
[68] Stella P., *Don Bosco nella storia della spiritualità cattolica*, Vol. II, p. 32.

educador cristão competente; como sacerdotes, fazemos tudo o que faz um sacerdote diocesano, apoiados, querendo-se, por uma práxis pastoral e por uma espiritualidade particular. A missão, porém, desenvolve-se com a vida antes ainda do que com o trabalho, particularmente hoje quando, na mentalidade comum, este último é sentido como um meio e não se lhe confia a tarefa de exprimir o sentido que se dá à existência.

Elemento caracterizador da missão dos consagrados é justamente a opção de vida, não só como fonte de energia para o trabalho, mas ela mesma como mensagem e serviço. «A própria vida consagrada, sob a ação do Espírito Santo que está na origem de toda vocação e de todo carisma, torna-se missão, como foi toda a vida de Jesus»[69].

Antes e mais do que no fazer alguma coisa, a missão da vida consagrada consiste no modo que a existência assume, no viver de uma determinada forma na Igreja e no mundo, no lugar que Deus ocupa nela. Em outros termos: não se abraça a vida consagrada apenas para fazer coisas ótimas do ponto de vista promocional ou religioso, que hoje podem ser feitos de outros modos, mas porque se percebeu e se quer manifestar a presença de Deus na história e na vida, nos campos e através das modalidades incluídas pela própria vocação.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* desenvolve cá e lá os motivos dessa afirmação. Assumindo a "forma de vida de Cristo", os consagrados tornam-se uma referência ao acontecimento de Jesus para a comunidade cristã e para quem no mundo coloca-se questões mesmo mínimas. A dimensão religiosa, que expressam de forma concentrada, apela para a necessidade do *reditus ad Deum,* o retorno, pelo menos, ao pensamento de Deus.

Nesse sentido, os consagrados já são anúncio, mensagem e serviço. Têm algo a dizer ao homem, recordando a

[69] VC, 72.

dimensão chamada de "coração" pela Escritura: interioridade, consciência, espiritualidade.

Em ambientes nos quais se tende a levar em consideração apenas as condições materiais da vida, embora com o bom propósito de transformá-las, a vida consagrada mantém viva a necessidade de considerar uma outra dimensão, sem a qual todo progresso externo, embora necessário e obrigatório, pode tornar-se largamente insuficiente.

A existência pessoal e coletiva rege-se numa constelação de valores que todos assumimos: respeito pelo outro, trabalho, saúde, honestidade, responsabilidade social. Dizendo constelação, indicamos que há entre esses valores uma organização e uma hierarquia que consente vê-los como um sistema. Cada pessoa coloca no centro alguns de sua preferência e organiza a totalidade em coerência com eles.

Os consagrados colocam no centro o valor religioso e a confissão de Cristo, e daí projetam-se para os demais valores, mantendo o primeiro como justificativa e matriz de tudo o que fazem. Dessa forma assumem a educação, cuidam dos doentes, entregam-se à pesquisa. Cada ramo do agir humano está aberto aos consagrados, desde que a inspiração e a motivação sejam próprias de quem fez de Deus a sua opção principal. Parece uma anormalidade quando prevalece uma outra dimensão e o espírito religioso fica marginalizado.

Os religiosos têm uma missão de estímulo e apoio a quantos, mesmo independente da fé, empenham-se em favor dos outros. Penso nos jovens, mesmo não praticantes, que se aproximam para envolver-se nas iniciativas, atraídos pelo tipo de vida que descobrem em nós. Para os que já vivem a fé, o testemunho dos consagrados qualifica a dedicação aos irmãos e irmãs, recordando que na obra da salvação tudo provém do ágape divino, recebido, vivido e doado.

Sublinhemos, por último, a perspectiva do *além;* é um serviço de visão e de esperança em relação ao que está mais

além da vida terrena. Trata-se de viver o anélito da Igreja quanto à plenitude de vida, o desejo da pátria que ocupa o coração do cristão, a espera da vinda e do encontro com o Senhor, que é conteúdo essencial da fé, e de abrir para todos, janelas para a transcendência.

«Pode-se dizer, então, que a pessoa consagrada está em "missão" por força da sua própria consagração testemunhada segundo o projeto do próprio instituto»[70]. É o seu aspecto principal. A conclusão parece ser que o trabalho pastoral, educativo e promocional, sem a manifestação da opção radical de vida no seguimento de Cristo, não consegue configurar a missão própria do religioso. E, por outro lado, se ele é assumido à luz da consagração, torna-se sua expressão eficaz e, em certas condições, desprende energias insólitas de caridade e oferece mensagens particularmente eloqüentes.

3. Serviço e profecia

«Quando o carisma fundacional prevê atividades pastorais, é óbvio que testemunho de vida e obras de apostolado e de promoção humana são igualmente necessárias: ambas representam Cristo, que é ao mesmo tempo consagrado à glória do Pai e enviado ao mundo para a salvação dos irmãos e irmãs.»[71]

Dissemos que, em certas condições, o nosso trabalho pastoral educativo desprende energias e emite mensagens.

A primeira das condições é o **caráter profético.** É de toda a Igreja e de sempre; mas é urgente hoje e particularmente indicado aos religiosos. Eles tornam-se sinal e proposta de orientação, mais do que apenas solução de uma necessidade humana; não suprem aquilo que os outros deveriam fazer, mas oferecem o que lhes é próprio: o evangelho. Jesus realiza curas, mas "revela dimensões novas de

[70] VC 72.
[71] *Ib.*

vida", "abre aos horizontes de Deus", diz palavras e faz ações "incompreensíveis" e "audazes", criticáveis e inúteis no momento, mas que estabelecem novos critérios de existência.

São dez os números dedicados a esse aspecto na Exortação Apostólica no interior no capítulo da missão[72]. É-nos oferecido, portanto, um critério também para organizar os trabalhos e as obras.

Num mundo marcado pela comunicação, conseguir passar uma mensagem parece ser um dos principais elementos da pastoral. É, de fato, importante não só o que se faz materialmente, mas o que se suscita ou desperta, aquilo para o que se acena a fim de levantar questionamentos, o que se faz cintilar, o que se indica, os desafios que se lançam. Foi dito que a vida consagrada deve não só responder aos desafios, mas também lançar outros deles: à visão "fechada", ao desejo de posse, à busca do prazer imediato. É interessante ler os sinais dos tempos, mas é preciso escrever outros novos. Deve-se entrar em diálogo com a mentalidade corrente, mas também inserir nela elementos que não estão em sua lógica.

A dimensão profética não deve ser confundida *tout cour* com a contestação, particularmente no interior da comunidade cristã, com a teatralidade dos gestos ampliados, de bom gosto, pelos meios de comunicação social, com a espetacularidade. É verdade, entretanto, que a profecia comporta novidade, ruptura em relação ao seguro, superação das visões imediatas e restritas a respeito do *além,* confirmação do que é pequeno ou escondido, mas verdadeiro, como fez Jesus com o óbolo da viúva, aceitação radical do que é cotidiano, mas fecundo.

Quais sejam as funções da profecia e do profetismo, vêem-se na história do povo de Deus; não estão longe das nossas exigências e da nossa experiência: a profecia recorda, levanta questões, indica uma orientação, interpreta os

[72] Cf. VC 84-93.

acontecimentos, reforça e apóia, infunde esperança, apela à sensatez e à conversão.

Ser profeta não é fácil; por isso, aqueles que o tentam com leviandade e vaidade acabam por desencorajar-se ou voltar-se a outras posições.

Elias é apresentado como paradigma do profetismo. Dele diz-se que «vivia em sua presença (de Deus) e contemplava no silêncio a sua passagem, intercedia pelo povo e proclamava com coragem a sua vontade, defendia os direitos de Deus e levantava-se contra os poderosos do mundo» (cf. *1Re,* 18-19)[73].

O problema para os religiosos, e entre eles os Salesianos, é o modo de exprimir essa dimensão com eficácia, o que requer aderência ao momento histórico da mensagem, do estilo de vida e das iniciativas. Os profetas falaram no interior da própria sociedade e dos acontecimentos, transcendendo-os, mas sem ignorá-los ou diminuir o seu peso. Exige também que o anúncio seja autêntico e que os sinais e palavras sejam compreensíveis.

Uma das principais dificuldades da vida consagrada diante do mundo de hoje é o sentimento de uma estranheza cultural, que pode enfraquecer o impulso profético e levar a formas de frustração, resignação, desalento, escondimento e até mesmo abandono.

Por isso, entre as muitas interessantes e, às vezes, originais indicações contínuas nesta parte e em outras da Exortação Apostólica, chama-se a atenção para "um maior empenho cultural". A vida consagrada, para ser profética, deve ter a capacidade de agitar aquele mundo que se vai afastando do evangelho. E, por isso, deve ser capaz de ler, avaliar, assumir, dar novo significado e contestar as "correntes" ou "modas" culturais, em suas raízes além de em suas manifestações.

Seguindo os três elementos da consagração podem-se propor alguns caminhos proféticos. A *missão específica*

[73] VC, 84.

revela-se profética quando projeta e realiza um modo diverso, "mais evangélico" de enfrentar as questões da área típica do próprio trabalho. Não, portanto, apenas suplência, beneficência ou simples manutenção.

Devemos, nesse sentido, perguntar-nos o que inserir hoje na educação e em nossa presença entre os jovens, para atualizar o impacto de novidade na expressão do amor que Dom Bosco teve sobre o seu contexto.

O testemunho profético exige não só dedicação e competência no próprio trabalho, mas também esforço de pensar criativamente e motivar culturalmente modalidades de presença e ação, novas e mais evangélicas, para que o evangelho possa ser fermento em todas as situações.

Da *seqüela radical de Cristo* deve provir um discernimento dos valores correntes e uma proposta que represente um tipo de educação alternativa.

Pode ser indicada a denúncia que coloca em discussão algumas orientações ou exageros das nossas sociedades, o que exige vigilância e resistência evangélica. Comporta uma ação crítica franca diante da exaltação do instinto sexual desligado de qualquer norma moral, da "cultura da transgressão", que leva a verdadeiras e próprias aberrações; diante da busca a qualquer custo do dinheiro (pensai nos imensos fenômenos de exploração!), que leva à insensibilidade social e ao abandono prático dos pobres ao seu destino, tanto por parte de governos como da opinião pública; enfim, diante do desejo exagerado e narcisista do sucesso, do aparecer a qualquer custo, do emergir, do poder.

A contestação, porém, não basta e, menos ainda, parece uma condenação fundamentalista. Com a existência realizada e serena e a reflexão cultural empenhada, o consagrado propõe alguns bens nos quais a pessoa pode colocar a felicidade e oferecer a sabedoria contida no evangelho. Fazemo-lo em termos de orientação e de conteúdos educativos assumidos em primeiro lugar por nós mesmos.

É interessante a anotação a respeito: «Aqueles que seguem os conselhos evangélicos, enquanto buscam a santi-

dade para si mesmos, propõem, por assim dizer, uma *terapia espiritual* para a humanidade, visto que recusam a idolatria do criado e, de alguma maneira, tornam visível o Deus vivo»[74]. É uma terapia para o desejo insaciável, para o vazio, para a busca do imediato, para o egoísmo.

Atenção, reflexão, capacidade de interpretação, diálogo: deveria brotar daí capacidade e prontidão para entrar em comunicação e confrontar-se com a cultura "secular", sendo verdadeiro que o evangelho é um enriquecimento para o homem e que quanto mais alguém se aproxima de Cristo, mais se torna homem e mulher[75].

A *vida fraterna em comum* torna-se profética quando afina a consciência crítica diante do individualismo. Com ela unimo-nos aos que elaboram a "cultura da solidariedade", dando a própria contribuição de experiência e reflexão. Como expusemos na Carta anterior isso acontece particularmente quando leva a expandir a comunhão e o espírito de reconciliação, acolher os mais necessitados e criar o intercâmbio de dons do carisma na comunidade educativa.

4. Os múltiplos dons da nossa comunidade consagrada

Outra originalidade da contribuição que a nossa experiência de consagrados pode dar, quando é vivida com profundidade e expressa luminosamente no trabalho educativo, provém da forma tomada pela nossa comunidade. Existem nela dons e carismas pessoais assumidos e ressignificados na consagração. E existem serviços interpretados e vividos à luz da consagração.

A comunidade salesiana vê-se enriquecida particularmente com a presença significativa e complementar do salesiano presbítero e do salesiano coadjutor[76]. Juntos configuram uma exaustão insólita de energias para o testemunho e para a missão educativa.

[74] VC, 87.
[75] Cf. GS n. 41.
[76] Cf. CG24, 174; C 45.

Podemos perguntar-nos o que evidenciam as figuras do salesiano coadjutor e do salesiano presbítero na experiência e no testemunho da consagração apostólica; o que a laicidade acentua na "consagração" e o que a "consagração" dá à "laicidade", ambas plasmadas e como que fundidas pelo espírito salesiano. Podemos perguntar-nos igualmente o que o ministério presbiteral acentua na consagração salesiana e o que esta dá ao ministério.

O valor original não está na adição extrínseca de qualidades ou categorias de sócios, mas na fisionomia tomada pela comunidade salesiana.

O **salesiano coadjutor** «unifica em si os dons da consagração e os da laicidade»[77]. Vive a laicidade não nas condições seculares, mas nas da vida consagrada; vive como religioso salesiano a sua vocação de leigo e vive como leigo a sua vocação comunitária de religioso salesiano[78].

«Aos irmãos consagrados — afirma o CG24 — lembra os valores da criação e das realidades seculares: aos irmãos leigos lembra os valores da dedicação total a Deus por causa do Reino. A todos oferece particular sensibilidade pelo mundo do trabalho, a atenção ao território, as exigências da profissionalidade através da qual passa sua ação educativa e pastoral»[79].

Nele, profissionalidades técnicas, campos seculares de trabalho, formas práticas de intervenção mostram a sua orientação substancial para o bem último do homem, especialmente dos jovens, e para o Reino. "Tudo está aberto para ele, até aquelas coisas que os padres não podem fazer"; mas tudo é colocado à luz do amor radical a Cristo, polarizado na evangelização e na salvação eterna dos jovens.

«A presença do salesiano leigo enriquece a ação apostólica da comunidade: torna presente aos Salesianos presbíteros os valores da vida religiosa leiga e chama-os

[77] CG24, 154; cf. 236.
[78] Cf. *Il Salesiano Coadiutore*, Roma 1989, pp. 107-108.
[79] CG24, 154.

permanentemente à colaboração viva com os leigos, recorda ao salesiano padre uma visão e um esforço apostólico muito concreto e complexo, que vai mais além da atividade presbiteral e catequética em sentido estrito»[80].

Sobretudo em determinados contextos e diante de um certo modo de perceber e conceber o sacerdote, como figura sacral ou cultual, o estilo de consagração do salesiano coadjutor proclama concretamente a presença e comunicação de Deus no cotidiano, a importância de tornar-se discípulos antes de serem mestres, o dever de testemunhar uma experiência pessoal de fé, para além dos empenhos funcionais ou de ministério.

Certas atitudes, que se dão por certas no sacerdote enquanto, pensa-se, pertencem ao seu "ofício", interpelam mais quando encontram-se no religioso leigo.

A figura do **salesiano sacerdote** unifica em si os dons da consagração e os do ministério pastoral. O sacerdócio tem nele uma realização original que nasce justamente da recíproca referência interna e da fusão fecundante com a consagração apostólica salesiana.

A reflexão eclesial pôs às claras que o sacerdócio não é genérico, nem como exercício do ministério nem como graça. A sua prática e a sua espiritualidade vão-se configurando de acordo com a destinação vocacional do sujeito.

Acertaram na mosca aqueles que, para a biografia de Dom Bosco, criaram o título: "Um sacerdote educador", ou "Um sacerdote para os jovens". O carisma deu origem a uma modalidade singular no ser sacerdote e no exercer o ministério.

O sacerdote é mediação sacramental de Cristo. A Ele conforma-se o Salesiano na caridade pastoral e no desejo de "salvar" os jovens em contexto educativo. A sua palavra não só traz a palavra de Jesus, mas dela participa. O exercício da palavra no âmbito educativo tem situações, circunstâncias, temas e formas "sui generis". Vão da homilia ao diálogo pessoal e amigo, da catequese à escola. Serve-

[80] *Il Salesiano Coadiutore*, p. 116.

se do púlpito, da cátedra e do pátio. Toma forma de pregação, de saudação e de conselho. Ilumina as situações dos jovens e cura suas feridas.

A ação de coordenação e animação do sacerdote salesiano é participação no ministério pastoral de Jesus e da Igreja. Serve-se de sua graça para unir a comunidade e orientá-la para o Pai. Tal ministério, no ambiente e na comunidade educativa, tem finalidades e modalidades típicas.

Também o serviço da santificação tem no ambiente educativo, com os jovens mais pobres e necessitados e com os colaboradores, seus itinerários singulares com o momento mais significativo e fecundo nos sacramentos, mas não se limitam a eles. É toda a iniciação na vida em Cristo.

Clérigos e leigos constituem e testemunham na comunidade salesiana uma fraternidade exemplar pela eliminação das distâncias baseadas nos papéis e ministérios, pela capacidade de pôr em comum os diversos dons num único projeto. A relação recíproca é fonte de mútuo enriquecimento e estímulo pela experiência harmoniosa, onde o sacerdócio não eclipsa a identidade religiosa e a característica laical não vela a radicalidade da consagração. Isso tudo é um antídoto à clericalização do religioso sacerdote, que se deplora em algumas faixas da vida consagrada, ou a secularização do religioso leigo.

Devemos estar particularmente atentos ao estímulo dos sacerdotes para que sejam sensíveis à dimensão histórico-laical da Igreja e da salvação, e favorecer uma experiência não genérica dos coadjutores, mas alimentada pela caridade pastoral. Dessa forma a graça de unidade será evidenciada na vida de cada irmão, na fisionomia da comunidade e na realização da missão.

Há na Congregação pouco mais de 11.000 sacerdotes, todos suscitados por Deus como educadores dos jovens. O que aconteceria se todos reavivassem e colocassem em ação com intensidade o nosso sacerdócio "típico"? E com isso não me refiro a tomar um ministério fora do ambiente que nos foi confiado, mas a jogar justamente todos os recursos

do sacerdócio no ambiente juvenil e na comunidade educativa.

Há igualmente um número por nada indiferente de leigos consagrados: cerca de 2.500. Quanto pode influir sobre jovens e educadores a sua laicidade vivida à luz do amor de Deus e dos irmãos? A sua presença significativa e crível faz com que os jovens percebam os valores da seqüela e do discipulado que freqüentemente identificam com o sacerdócio; «oferece, aos que não se sentem chamados à vida consagrada, um modelo mais próximo de vida cristã, de santificação do trabalho, de apostolado leigo. Permite à comunidade salesiana uma particular encarnação apostólica no mundo e uma particular presença na missão da Igreja»[81].

5. Algumas conseqüências

O que acabamos de dizer tem aplicações muito práticas em três âmbitos. Enuncio-os apenas sinteticamente para sugerir uma reflexão posterior,

O primeiro é a nossa **comunidade religiosa.** Os sinais da *seqüela Christi* devem ser evidentes e legíveis quanto ao primado dado ao espírito religioso e à vida espiritual. Eles manifestam-se na oração calma, regular e participada. Hoje, dizíamos acima, conventos e mosteiros convidam católicos e profanos à experiência de oração. Foi típico de Dom Bosco e de seus Salesianos rezar com os jovens e com o povo. Seria interessante que a nossa oração fosse tão educativa a ponto de poder compartilhá-la, em circunstâncias particulares, com quem desejasse participar dela.

A consagração manifesta-se também na dedicação ao trabalho comunitário ordenado, preparado, executado com diligência. Impressionou-me ler as seguintes orientações sobre o trabalho na Regra de um instituto religioso: «É obediência e prolongamento da Eucaristia e da liturgia das

[81] *Il Salesiano Coadiutore*, p. 116; cf. ACG21, 195.

horas e objeto normal da nossa oferta: portanto, pré-organizado, protegido, realizado com zelo religioso»[82].

Demonstra-se a consagração também na temperança evangélica. Pede-se hoje, de muitas direções, um retorno à austeridade cotidiana diante do alastrar-se do consumismo, das desigualdades e do desperdício. A temperança abarca todas as manifestações visíveis dos votos. A consagração floresce sobretudo na unidade de espírito e ação; é o sinal que Jesus mesmo recomenda aos discípulos, aquele que Dom Bosco mais desejava ver em suas comunidades.

O segundo âmbito, onde oferecer os dons da consagração, é a **comunidade educativa pastoral,** que leva a sublinhar o primado da espiritualidade como principal energia do educador. Dizemos com freqüência que o Sistema Preventivo é espiritualidade e pedagogia, e que entre as duas há uma tal comunicação que não é possível colocar em prática a segunda sem assumir também a primeira. Essa convicção corresponde à afirmação de Dom Bosco: «A prática desse sistema baseia-se nas palavras de S. Paulo: *A caridade é benigna e paciente: tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo*»[83]. O Sistema Preventivo, afirmou o CG24[84], tem uma alma religiosa. É uma pedagogia do Espírito. A dimensão humanista e profissional deve ser valorizada ao máximo. Deve, contudo, ser fermentada com a orientação para Deus e para a fé.

O terceiro âmbito, no qual a consagração pode fazer-se sentir, é o **ambiente educativo.** Há que se assumir muito de quanto dissemos sobre a profecia. Através de palavras e exemplos os jovens podem ver em nossa vida uma crítica e uma orientação: crítica aos excessos da mentalidade transgressora, à corrida aos bens que produz miséria, à liberdade sem finalidade; um anúncio de novas e originais

[82] Pequena Família da Anunciação, Documentos 10/25.
[83] Dom Bosco, *O Sistema Preventivo na educação da juventude*, 2; cf. Constituições SDB, *Escritos de Dom Bosco*, p. 232.
[84] Cf. CG24, 100 e *passim*.

formas em que a pessoa pode realizar-se, dos bens reais propostos pelas Bem-aventuranças e pela doação de si como mola da vida.

A manifestação mais clara da nossa presença de consagrados nos ambientes educativos é a sua fermentação pastoral. O educador tem em vista, desde o início, revelar aos jovens o amor de Deus, qualquer que seja o ponto de partida e os caminhos a percorrer. Fá-lo através da abertura à fé, predispondo para os jovens um encontro com Cristo vivo e apoiando um caminho de crescimento através da catequese, dos sacramentos, da participação na Igreja. Para nós não teria sentido uma educação neutra ou sem referência a Cristo. A consagração convida-nos, pois, a repensar e realizar o *evangelizar educando*.

6. O guia da comunidade consagrada

O desenvolvimento dos dons da consagração e a comunicação de suas riquezas à comunidade educativa e aos jovens são entregues à co-responsabilidade comunitária. Também a sua animação é participada, mas tem no diretor o seu ponto de referência e o responsável principal. Ele é ao mesmo tempo Superior religioso, diretor da obra apostólica, pai espiritual da comunidade.

Meditou-se muito sobre a sua figura e o seu papel, não sem razão, dada a evolução acontecida nas comunidades e nas gestões das obras. Figura e papel amadureceram no próprio Dom Bosco, que foi diretor por muito tempo e na fase mais criativa de sua vida. Recorda do nosso Pai, sobretudo a preocupação pelo bem espiritual, a bondade que inspiravam os seus relacionamentos e a sabedoria na orientação de indivíduos e grupos: um trinômio que caracteriza a sua paternidade. Esta, depois, exprimia-se em múltiplos gestos e atitudes.

Com efeito, o nosso texto *O Diretor Salesiano* adverte que a primeira tarefa do diretor é «despertar nos indivíduos a consciência do que são; fazer emergir as capacidades

e os carismas; ajudá-los a manter desperto o espírito da vida teologal; (...) numa palavra, criar clima e condições aptas para que cada salesiano, em plena docilidade à graça, possa amadurecer na identidade da própria vocação e realizar aquela plenitude de "união com Deus", que foi característica de Dom Bosco. Tudo isso supõe as capacidades técnicas de quem sabe organizar e dirigir; mais ainda, porém, um espírito, ou melhor, uma arte espiritual»[85].

Os últimos Capítulos insistiram na animação "espiritual" capaz de tornar a propor, de forma contextualizada, os motivos que estão na base da nossa vida, para favorecer uma resposta sempre mais consciente e completa ao Senhor. A situação atual de nossas comunidades, o seu papel no novo modelo operativo, a exigência de animar uma comunidade de consagrados, a insistência sobre a comunidade local como lugar de formação permanente, exigem do Superior que dê prioridade a alguns aspectos do seu serviço. São bem indicados em nosso Manual, mas nesta oportunidade é bom lê-los também nos textos do Sínodo: «Quem preside a comunidade deve ser considerado antes de tudo um mestre de espírito que, realizando uma função ou ministério de ensinar, exerce a verdadeira direção espiritual da comunidade, o ensinamento autorizado feito em nome de Cristo quanto ao carisma do Instituto. Ele serve a Deus à medida que promove a autenticidade da vida comunitária e serve aos irmãos ajudando-os a realizar a sua vocação na verdade»[86].

É preciso reconhecer os sinais positivos existentes sobre isso na Congregação, como a disponibilidade a assumir a responsabilidade de direção muitas vezes em condições de escassez de pessoal, a formação permanente que vai caminhando em quase todos os lugares, a nova atenção a exprimir a unidade fraterna, o interesse para compreender as modalidades possíveis de direção espiritual.

[85] *O diretor salesiano,* Roma, 1986, n. 105.

[86] A Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, *Instrumentum laboris,* 59.

Retomando os pontos desenvolvidos na primeira parte desta carta, sinto o dever de pedir aos diretores que animem a consagração, despertando nos irmãos a feliz experiência do chamado, sublinhando a iniciativa de Deus na vida e na ação da comunidade, tornando a propor o projeto em seus diversos aspectos e aprofundando o significado da profissão.

Existem alguns momentos e práticas a conservar para que não falte em nenhuma comunidade a Palavra, o encontro de oração, a fraternidade na experiência de consagração, a co-responsabilidade no testemunho e ação comunitária.

Recordo a utilidade do discernimento que leva, em espírito de sinceridade e conversão[87], a buscar a vontade de Deus nas questões que se referem ao projeto apostólico[88], à vida da comunidade[89], aos dons e capacidades dos irmãos[90], ao esclarecimento vocacional[91] e às tendências culturais.

De acordo com a nossa tradição, dizem as Constituições, «as comunidades são guiadas por um sócio sacerdote, que, pela graça do ministério presbiteral e pela experiência pastoral, sustenta e orienta o espírito e a ação dos irmãos»[92].

Não se trata apenas de um requisito jurídico, mas refere-se à substância, às modalidades e aos caminhos tomados pelo serviço de autoridade do diretor. A ele é pedido que nela empenhe todos os dons e energias do seu sacerdócio, que anime como sacerdote e não só como técnico. Deve ser, para a comunidade e o seu ambiente educativo, mediação sacramental de Cristo. A comunidade religiosa e o ambiente educativo são o campo onde o Senhor chama a fazer frutificar o seu sacerdócio.

[87] Cf. C 91.
[88] Cf. C 44.
[89] Cf. C 66.
[90] Cf. C 69.
[91] Cf. C 107.
[92] C 12.

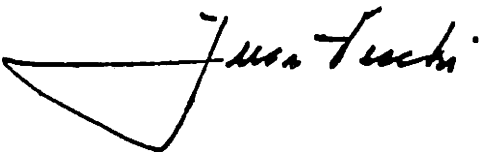
* * *

A cada dia, como conclusão da meditação, renovamos a consagração a Nossa Senhora, invocando-a com dois títulos relacionados, que sintetizam a história e a espiritualidade salesiana: *Imaculada e Auxiliadora.* É uma prática mantida em todos os lugares com afetuoso apego e sentida devoção.

Vem-me espontâneo recitar a oração de consagração unido espiritualmente a vós, como conclusão destas reflexões.

As Constituições, apresentando uma tradição espiritual, vêem nesta imagem de Maria, a representação da nossa consagração apostólica: «Maria Imaculada e Auxiliadora — dizem — educa-nos à plenitude da doação ao Senhor e nos infunde coragem no serviço aos irmãos»[93]. Os dois aspectos fundidos num único movimento de caridade.

Ela nos ensina a viver em nosso tempo a seqüela incondicional de Cristo e o serviço assíduo de que é Mestra e exemplo[94] e a comunicar aos jovens a alegria que comporta o fato de colocar-se no seguimento de Jesus.



P. Juan Edmundo Vecchi
Reitor-Mor

[93] C 92.
[94] Cf. VC, 28.

2.1. O DIRETÓRIO INSPETORIAL

P. Luc VAN LOOY
Vigário do Reitor-Mor

1998 distingue-se, para quase todas as Inspetorias e Visitadorias, pelo evento do Capítulo Inspetorial. Demonstra-o ainda o fato que durante a sessão plenária do Conselho Geral de junho e julho de 1998, o Reitor-Mor com o seu Conselho examinou e aprovou 39 documentos capitulares, fazendo as devidas observações, enquanto outros, que estão chegando, serão examinados na sessão plenária de dezembro e janeiro próximos.

Como previsto, as Inspetorias colheram a oportunidade para verificar a caminhada de envolvimento dos leigos na missão salesiana, como aplicação do CG24, levando também em consideração situações particulares e urgências da vida e missão inspetorial. Somente algumas Inspetorias "em caso de necessidade, por problemas particulares" — como dito nas orientações dadas no n. 361 dos Atos do Conselho Geral — fizeram uma revisão do *diretório inspetorial.*

A aprovação dos Capítulos por parte do Reitor-Mor refere-se especificamente àquelas determinações que se tornam obrigatórias para a Inspetorias, como aplicação das Constituições e Regulamentos Gerais ou das orientações do Capítulo Geral, no contexto da mesma Inspetoria. São as deliberações capitulares e as normas contidas no diretório inspetorial, que fazem parte do direito próprio da Inspetoria.

Como se sabe, o *Capítulo Inspetorial* é a assembléia representativa dos irmãos e das comunidades da Inspetoria (cf. C 170), gozando de uma autoridade específica — que

lhe é conferida pelas Constituições — para dar orientações e estabelecer normas sobre as modalidades da vida e da missão salesiana na Inspetoria, conforme o princípio de subsidiariedade. De fato, no sentido do artigo 124 das Constituições, a autoridade superior «deixa à iniciativa dos órgãos inferiores o que por eles pode ser decidido e feito dentro das respectivas competências».

Mediante a reflexão comum e o consenso expresso com a votação, segundo as Constituições, o Capítulo Inspetorial pode dar então diretrizes e estabelecer orientações operativas, que adquirem força de lei na Inspetoria após a aprovação do Reitor-Mor com o seu Conselho.

Nem todas as deliberações capitulares, contudo, entram no diretório, mas fazem parte dele as que tiverem um caráter normativo não transitório, influente de modo estável e duradouro sobre a vida e missão da comunidade inspetorial, a ponto de serem incluídas naquele que se pode definir o código particular da Inspetoria. É o Capítulo Inspetorial que determina quais as deliberações que passam a fazer parte do diretório, levando em conta, contudo, que sobre várias matérias os mesmos Regulamentos Gerais exigem que as Inspetorias estabeleçam normas, inserindo-as no diretório: é claro que essas normativas deverão entrar necessariamente no diretório inspetorial.

A celebração do Capítulo Inspetorial, a cada três anos, é também uma oportunidade para verificar e atualizar o direito próprio, ou seja, a lei que ele mesmo se impõe nas matérias em que tem competência, através da redação ou revisão do diretório inspetorial (cf. C 191), que se tornará operante na Inspetoria após a aprovação por parte do Reitor-Mor com o seu Conselho.

Isso não significa, contudo, que todo Capítulo Inspetorial — embora com faculdade para isso — deva proceder à revisão completa ou à reconstrução do próprio diretório, que, como se acenava, deveria ter um caráter de estabilidade para a vida da Inspetoria. Ordinariamente o

Capítulo Inspetorial reservará a revisão e a atualização do diretório àqueles assuntos tidos como necessários, tanto para a aplicação do último Capítulo Geral, como para questões particulares importantes e/ou urgentes. Somente em determinadas circunstâncias e por sérios motivos, torna-se necessária uma revisão mais ampla do diretório.

O estudo dos diretórios na recente sessão do Conselho Geral evidenciou uma larga gama de interpretações, que são dadas pelas Inspetorias sobre a natureza do diretório. Algumas, de fato, produziram um documento longo e detalhado, incluindo às vezes matérias que não lhe são próprias, outras contentam-se com as normas essenciais, num texto condensado, limitado às indicações indispensáveis.

Pode ser útil, por isso, que nos detenhamos um pouco neste aspecto.

A natureza do diretório

Como acenado acima, o diretório representa um texto de *direito particular* (cf. C 191), que contém normas aplicativas da nossa legislação geral — Constituições e Regulamentos — à realidade local, aos contextos próprios das diversas Inspetorias. Não entende repetir com palavras diferentes as mesmas coisas já estabelecidas pelos Regulamentos Gerais, mas indicar normas aplicativas dos princípios gerais ou dar indicações específicas naquilo que as Constituições e Regulamentos pedem expressamente à legislação inspetorial.

O ordenamento de alguns setores da vida dos irmãos e comunidades, de fato, é deixado de propósito pelos Regulamentos Gerais ao juízo da Inspetoria, justamente para dar força à descentralização. A Inspetoria, através das deliberações do Capítulo Inspetorial, garantirá portanto o estabelecimento das normas pedidas nesses setores (cf. R 58. 65. 72. 74. 87. 88. 106. 190).

O princípio de fundo é dar uma ajuda aos irmãos, não um peso, com normas que correspondam ao contexto lo-

cal, à realidade da Inspetoria. Trata-se de um código de normas que regulam a vida e que, embora com uma certa estabilidade, poderão ser verificadas e atualizadas nos sucessivos Capítulos Inspetoriais.

Sublinhe-se que o diretório inspetorial não substitui os Regulamentos Gerais, nem os interpreta, mas somente, onde for necessário e indicado, determina normas próprias para a sua aplicação na Inspetoria. Evidentemente o direito particular é subordinado ao direito congregacional, e portanto não pode estar em contraste com o direito comum indicado nas Constituições e nos Regulamentos. Pode ser mais específico, mais concreto, contextualizado, mas não mais largo, e não pode expandir o quadro de observância estabelecido no direito comum de toda a Congregação.

Do discurso sobre a natureza do código particular da Inspetoria, entende-se que *nem tudo deve fazer parte do diretório*. Há, com efeito, uma diferença entre o que é matéria de lei, bem precisa e aprovada, e as indicações de caminhada ou de processos que a Inspetoria quer seguir, mas que pela sua natureza não têm a estrutura de uma norma jurídica rígida. Assim, por exemplo, o Projeto Educativo Pastoral Inspetorial não é matéria do diretório inspetorial, embora sendo de grande importância para a vida e a orientação da Inspetoria. Isso permite uma revisão mais agilizada e constante do Projeto, não devendo passar por todos os canais de aprovação.

Diversamente, o direito próprio deve conter as normas para a formação na Inspetoria, numa seção especial do diretório *(seção formação)*, na qual são especificadas e aplicadas ao contexto as indicações dadas na *Ratio* fundamental (FSDB). O artigo 87 dos Regulamentos diz claramente que as normas sobre o caminho formativo na Inspetoria entram no diretório inspetorial e devem portanto ser aprovadas com voto pelo Capítulo Inspetorial e pelo Reitor-Mor com o seu Conselho.

Alguns pontos concretos

A fim de ajudar as Inspetorias e os Capítulos Inspetoriais a verificarem as matérias que são objeto de normativa no diretório inspetorial, creio oportuno passar brevemente em revista os conteúdos que — segundo as indicações dos Regulamentos Gerais — devem fazer parte do diretório, uma vez que são pedidas às Inspetorias as modalidades de sua aplicação.

Eis um rápido elenco de *normas que devem entrar no diretório inspetorial:*

- Vida de pobreza (R 58)

O Capítulo Inspetorial deve estabelecer um nível de vida modesto, regulando particularmente o uso dos instrumentos pessoais que os irmãos podem levar consigo no momento de mudança de casa.

Também as férias dos irmãos são reguladas pelo Capítulo Inspetorial.

Dará indicação também sobre a solidariedade entreas casas da Inspetorias e as ajudas que as comunidades prestarão às necessidades gerais da Inspetoria (permanece firme quanto é atribuído por R 197 ao Inspetor com o seu Conselho).

- Revisão da pobreza (R 65)

As comunidades devem verificar o estado de pobreza, o testemunho e os serviços prestados. O Capítulo Inspetorial deve estabelecer seus tempos e modalidades

- Exercícios espirituais anuais dos irmãos (R 72)

A modalidade dos exercícios é estabelecida pelo Capítulo Inspetorial e introduzida no diretório.

- Vida de oração (R 74)

As modalidades das práticas de piedade são estabelecidas pelo Capítulo Inspetorial e introduzidas no diretório.

- Formação salesiana (R 87-88. 106)

Todas as normas do caminho formativo na Inspetoria, aplicando a *Ratio,* fazem parte do diretório inspetorial, compreendido o que se refere à formação permanente.

- Funcionamento do Capítulo Inspetorial (R 167,4)

Trata-se de tudo o que se refere aos aspectos organizativos do Capítulo Inspetorial, não da sua natureza.

Compete ao próprio Capítulo Inspetorial estabelecer as normas para o seu funcionamento, num "regulamento" especial que cada Capítulo pode rever e atualizar. Tais normas podem entrar no diretório inspetorial, adquirindo assim uma maior estabilidade. Nesse caso, porém, é preciso recordar que as normas fixadas no diretório tornam-se aplicáveis somente depois da aprovação do Reitor-Mor com o seu Conselho.

- Administração inspetorial local (R 190)

As orientações administrativas podem ser estabelecidas pelo Capítulo Inspetorial, mas ele pode delegá-las ao Inspetor com o seu Conselho. Em todo caso, entram no diretório inspetorial.

As seguintes normas podem entrar no diretório, embora não necessariamente:

- Modalidades da consulta para a nomeação de diretores (R 170).

O sujeito que estabelece essas modalidades é o Inspetor com o seu Conselho, mas o Capítulo Inspetorial pode e, portanto, pode também não fazê-lo, dar indicações no diretório inspetorial, respeitando as competências do Inspetor e a discrição da consulta, e sempre nos termos fixados pelas Constituições interpretadas pelo Reitor-Mor com o seu Conselho.

- A figura e as tarefas dos responsáveis dos setores de atividades nas comunidades (C 185)

Cabe ao Capítulo Inspetorial estabelecer a figura e as tarefas dos responsáveis dos principais setores de atividades nas casas, mas não é necessário que sejam introduzidas no diretório. O Capítulo Inspetorial pode decidir se introduzi-las ou não.

Não entra no diretório a normativa que se refere ao:

- Delegado ao Capítulo Geral (R 162)

O modo de suplência ao Capítulo Geral é estabelecido pelo Capítulo Inspetorial. Entende-se que a orientação serve para os Capítulos Inspetoriais que preparam o Capítulo Geral seguinte e não representa uma norma de direito próprio para a vida da Inspetoria. Não é, por isso, introduzida no diretório.

Documentação útil sobre o tema do diretório inspetorial

Creio oportuno, para concluir, indicar alguns textos que explicam a natureza e o conteúdo do diretório inspetorial, aos quais se pode recorrer por ocasião da revisão do próprio diretório:

- *Elementos jurídicos e práxis administrativa no governo da Inspetoria.* Roma 1987, n. 22: as competências do Capítulo Inspetorial; nn. 43-45: matérias referentes à seção sobre a formação do diretório.
- *O projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco,* pp. 884-885.
- *O Inspetor Salesiano,* n. 314, sobre a vida de oração; n. 365, sobre o setor formação; n. 382, sobre o diretório inspetorial.

Creio que estas indicações, muito essenciais, podem ser úteis não só para aqueles que nos Capítulos Inspetoriais estão diretamente empenhados na elaboração das diretrizes e normas de lei no âmbito inspetorial, mas a todos os irmãos para sempre tomarem mais consciência do valor que tem o diretório como aplicação das Constituições e dos Regulamentos, para a vida e a missão da Inspetoria.

2.2. A FORMAÇÃO DOS CATEQUISTAS EM TERRITÓRIOS DE MISSÃO

P. Luciano ODORICO
Conselheiro Geral para as Missões

Surge freqüentemente, durante as visitas missionárias capitulares, feitas em todos os continentes, a necessidade de sublinhar a importância da formação dos catequistas. Entendo, pois, neste número dos Atos do Conselho Geral e em outro próximo, fazer algumas reflexões sobre dois temas que considero urgentes:

1. *A formação dos catequistas em território de missão;*
2. *Os centros de formação para os catequistas em território de missão.*

Devemos ter presente que em nossas presenças salesianas missionárias os catequistas são os nossos primeiros colaboradores leigos, aos quais devemos prestar os nossos cuidados e dar a nossa atenção privilegiada. Eles são «aqueles que merecem, de modo todo especial, o título de "catequistas"»[1].

Trata-se de sublinhar os principais pontos da sua formação e indicar suas respectivas estruturas.

O tema não é novo, antes, constitui uma das tarefas de maior empenho e qualificação da pastoral da Igreja e da sua missão *ad gentes* em particular. Agrada-me compartilhar convosco esta alegria e esta preocupação. Cito, a respeito, a Encíclica *Redemptoris missio* para sublinhar a sua importância:

«*Os catequistas são agentes especializados, testemunhas diretas, evangelizadores insubstituíveis, que representam*

[1] CT, 66.

a força basilar das comunidades cristãs, ***sobretudo nas jovens Igrejas...*** *O seu trabalho vai-se fazendo sempre mais difícil e empenhativo pelas mudanças eclesiais e culturais em curso. Vale ainda hoje o que já era sugerido pelo Concílio: a mais cuidadosa* ***preparação doutrinal e pedagógica, a constante renovação espiritual e apostólica,*** *a necessidade de "garantir um* ***decoroso teor de vida*** *e de segurança social" aos catequistas»*[2].

É interessante notar como, em quase todos os documentos, sublinha-se com um capítulo à parte a importância da espiritualidade do catequista, que o ajude a viver consciente da importância da sua missão e lhe seja de apoio em seu trabalho. Ela é sinal também da maturidade da comunidade cristã reveladora da necessidade de santidade.

A pessoa do Catequista

O texto citado da *Redemptoris missio* já sugere por si quais devam ser os conteúdos essenciais da formação do catequista: humana e integral, além de doutrinal e pedagógica, espiritual e apostólica. O desafio continua o de uma *formação harmoniosa* de toda a pessoa do catequista, evitando paralelismos ou compartimentos estanques entre a dimensão espiritual, secular e apostólica.

Os documentos insistem, quase todos, nas qualidades humanas dos catequistas, nas condições para a sua escolha e no mandato a ser-lhe confiado, nas capacidades de ensinar, educar e testemunhar a fé, começando pelos que partilham de sua vida e profissão.

A figura do catequista de "boa vontade" tornou-se hoje anacrônica, diante das urgências da própria comunidade cristã e das exigências de uma evangelização e catequese de qualidade. A sua formação deve, pois, tender a personalizar ao máximo as suas capacidades cognitivas e pedagógicas e, sobretudo, a sua *interioridade apostólica;* deve,

[2] RM, 73.

enfim, tender a formar «*um catequista realizado, responsável e dinâmico, que atue com entusiasmo e exprima alegria no exercício da própria missão*»[3]. É preciso, pois, visar a unidade e a harmonia da pessoa do catequista, construída sobre uma «profunda familiaridade com Cristo e com o Pai» no nível espiritual, apostólico e de empenho no mundo»[4].

Alguns documentos especificam mais detalhadamente as *qualidades que um catequista deve ter* e abundam em requisitos, a ponto de suscitar a questão: quem hoje pode ser catequista? Não será que ele irá adquirindo a sua própria fisionomia no desenvolvimento da prática catequética e do crescimento espiritual no seio da comunidade cristã?

Um problema de fundo é *a opção do catequista,* que depende de muitos fatores, como: clareza das motivações, maturidade humana[5] do candidato e da comunidade eclesial, idade, formação intelectual suficiente, ascendência familiar cristã, número de pessoas disponíveis para esse ministério, remuneração adequada dos catequistas com tempo integral[6].

A boa seleção dos catequistas depende também da estima e do respeito que pastores e comunidade têm do papel e do trabalho do catequista, um papel específico entre os demais ministérios leigos não ordenados, e do desejo de todos por uma igreja ministerial de qualidade[7]. Esta é autêntica quando todo carisma permanece ele mesmo e renuncia a invadir outros carismas[8]. É certo que o catequista *(didaskalos)* recobre o cargo de *mestre da fé,* com uma participação essencial na missão fundamental da Igreja de

[3] Congregação para a Evangelização dos Povos (CEP), *Guia para os Catequistas.* Roma, EDB, 1994, 17.
[4] Cf. CT, 5-6.9; CEP, 20.
[5] Cf. CEP, 21.
[6] Cf. Gl 6,6; *1Co* 14,18-19.
[7] Cf. CEP, 17.
[8] Cf. *1Cor* 12,29-30; *Rm* 12,3.

ensinar a todas as nações[9], missão entre as mais nobres enquanto está na continuidade da obra iniciada pelo único «Mestre», Jesus Cristo[10].

É importante, em muitos países, a figura do *catequista permanente,* na ausência do missionário, integrado na estrutura comunitária da aldeia, respeitado, reconhecido como autêntico responsável pela vida da comunidade e *ministro não ordenado* para alguns sacramentais, consultado também em casos de pacificação. Isso, porém, não deve fazer com que se perca de vista que a importância do seu papel não provém do reconhecimento humano, mas das exigências inerentes à sua missão de primeira testemunha do Evangelho que anuncia.

Em síntese, a opção dos catequistas exige por parte deles uma *forte identidade de pertença eclesial* e uma *intensa vida espiritual* na escuta da Palavra de Deus, como também que sejam pessoas humanamente maduras, adultas na fé, profissionalmente preparadas.

A formação do Catequista

Coloque-se como premissa que a formação dos catequistas depende diretamente da Igreja em todos os seus níveis: comunidade cristã, Diocese, Conferências Episcopais, porque é a Igreja que os chama e envia. Os catequistas são, antes de tudo, um dom que o Espírito concede à sua Igreja.

Em geral, a formação compreende três âmbitos que já se tornaram clássicos: 1º *a pessoa* do catequista; 2º *o saber* do catequista; 3º *o saber fazer* do catequista. Acrescentaria um 4º: *a duração* do ministério. Este é um critério não indiferente para garantir a ótima formação permanente e específica de cada um e avaliar a solidez e qualidade dos objetivos perseguidos[11].

Quanto ao *saber* e *saber fazer,* eles não dependem apenas da transmissão de conteúdos e técnicas. Exigem antes

[9] Cf. *Mt* 28,20.
[10] Cf. CT, 6; cf. *Jo* 7,16.
[11] Cf. CEP, 29.

de tudo um contexto global, em que entram em interação experiências pessoais, envolvimento do catequista no trabalho em comum, capacidade de diálogo, abertura mental, agilidade da vida cristã que facilite a liberdade de expressão e intervenção, como também um projeto de vida pessoal.

O *saber do catequista* refere-se: 1º à sua formação e maturidade humana; 2º à sua capacidade de discernimento, reforçada pela experiência de vida e pela capacidade de ensinar; 3º ao direto conhecimento bíblico, doutrinal, litúrgico, orgânico e sistemático; 4º ao conhecimento de seus destinatários e sua cultura.

O *saber fazer do catequista* refere-se: 1º à competência pedagógica; 2º à iniciação à metodologia catequética; 3º ao conhecimento de diversos métodos mais específicos, como iniciação à oração, dinâmica de grupo, gestos simbólicos, itinerários de catecumenato, pastoral juvenil, etc.

Vários programas, sempre partindo da *espiritualidade* como eixo principal da vida e da formação do catequista, insistem sobre a *visão global da formação,* que se alarga à contribuição das ciências humanas (metodologia, psicologia), à formação cívica, cultural, ao empenho de construir a sociedade e trabalhar pelo desenvolvimento, ao tempo livre e ao saber viver.

A *dimensão transversal* do saber e do saber fazer é a *preparação cultural* dos agentes de pastoral e, portanto, dos catequistas. A mensagem deve ser inculturada segundo o tecido humano onde deve ser anunciada, para que estimule quem escuta não só a entender a mensagem e a apropriar-se dela, mas também a expressá-la com uma *linguagem* própria e dando ao seu estilo de vida o dinamismo do mistério pascal.

Jamais se insiste suficientemente ao recordar que o estudo do problema das seitas religiosas releva uma acentuada ausência de catequese, sobretudo nas zonas das periferias urbanas. Este não insignificante desafio solicita o esforço do catequista em primeira pessoa em vista de uma sólida formação permanente doutrinal e específica em alguns setores transversais ou *areópagos,* como os militares, carcerários, hospitalares, de refugiados, etc. Isso exige uma

mentalidade missionária generosa e dinâmica da comunidade cristã.

A organização da formação

Considera-se, antes de tudo, na maior parte dos programas formativos, *a formação de base e inicial* dos catequistas. Em várias regiões insiste-se que a atividade catequética seja precedida de uma formação prévia de um mínimo de 30 horas.

Existem também cursos de formação para animadores de grupos de catequistas, em nível local e diocesano.

Além da formação global dos catequistas, insiste-se particularmente:

§ sobre o *testemunho* de vida,

§ sobre o seu sentido de *pertença à Igreja,* local (envolvimento direto, residência...) e diocesana (fidelidade às diretrizes do Bispo e à práxis eclesial),

§ sobre a sua capacidade de *reunir e animar o grupo de catequistas,* programar a catequese segundo as idades e os setores transversais da existência: educação ao amor, inculturação, problema do mal e do sofrimento, formação bíblica, e outros areópagos em consonância com os problemas diversificados de cada contexto ou faixa geográfica.

A programação formativa, na maioria das vezes, cobre um ciclo de três anos ou menos, sob a forma de sessões trimestrais (sobretudo para catequistas das zonas rurais) ou cursos sistemáticos mensais ou semanais. Muito depende, porém, do pessoal colocado à disposição pela Diocese e da arte de solicitar a contribuição de sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos qualificados no setor. Quase sempre as reuniões de formação acabam em encontros de oração, de partilha das experiências, de crescimento e amadurecimento espiritual.

Muitos centros de formação são sensíveis à leitura da realidade sociocultural, à continuidade e gradualidade dos cursos, à experiência direta na comunidade, ao diálogo, à pessoa mesma do catequista[12].

[12] Cf. CEP, 28.

A espiritualidade do Catequista

«A missão de educador na fé requer do catequista uma *intensa vida espiritual.* É essa a dimensão privilegiada da sua formação»[13]. Como para o missionário, podemos dizer que o verdadeiro catequista deve ser uma pessoa de fé, chamado a realizar a própria vocação "com o fervor dos santos"[14].

Primeiro a testemunhar o esforço de uma *constante conversão* ao Deus de Jesus Cristo que anuncia, o catequista, para ser "educador da fé" deve estar consciente:

§ dos seus próprios deveres de cidadão, de responsável da própria família e da educação humana e cristã dos filhos;

§ da necessidade de fazer-se acompanhar espiritualmente por um "companheiro de viagem" e de cuidar da vida de oração;

§ de não dever falar em seu nome, mas em nome de Jesus Cristo, o único «Mestre»[15];

§ de exercer o seu ministério como "enviado" da comunidade cristã;

§ de dever colocar-se à escuta da Palavra de Deus na Igreja, para testemunhar a própria fidelidade a ela[16]: antes de ser "ministro da Palavra", o catequista é um "enviado";

§ de nutrir a sua fé e vida espiritual nas fontes da graça, mediante *uma intensa vida sacramental e de oração;*

§ de dever integrar em sua vida a dupla fidelidade a Deus e ao homem todo[17], fazendo da inculturação uma opção prioritária da sua formação permanente;

§ da finalidade da mesma catequese, que é colocar as pessoas em comunhão íntima com Cristo[18].

Em sua *capacidade de escuta da Palavra de Deus,* o catequista também descobre a própria vocação como dom

[13] CEP, 22; cf. RM, 90.
[14] CEP, 6; EN, 80.
[15] Cf. CT, 8.
[16] Cf. EN 15.16; CT, 6.
[17] Cf. CT, 55.
[18] Cf. CT, 5.

do Espírito, fonte de admiração e de resposta no dom de si igualmente generoso e gratuito[19]. Tal vocação deve ser, então, sistematicamente oferecida e solicitada pela comunidade cristã.

Discípulo não acima de seu Mestre[20], o catequista encontra em sua atitude de *servidor* a fonte de sua *fecundidade espiritual* e de sua *alegria profunda* produzida nele pela Palavra.

Outro elemento importante da espiritualidade do catequista é o seu *senso de pertença à Igreja,* com amplo respiro missionário, com abertura universal e atenção solidária às necessidades dos mais pobres. O que se verifica com a participação ativa e responsável na própria comunidade, o zelo missionário com que realiza o próprio trabalho, a solidariedade com os Pastores da Igreja dos quais se faz porta-voz , a paixão pela unidade, a acolhida de todas as pessoas em Cristo, em quem ninguém é excluído a priori, a admiração diante de tudo o que há de verdade, de autêntico e de puro em cada pessoa, grupo e cultura, sem absolutizar a própria.

A espiritualidade do catequista não pode esquecer a sua relação com *Maria,* "mãe e modelo do catequista"[21], a primeira a levar Jesus ao mundo, a primeira a ser evangelizada entre os discípulos. *Modelo,* porque foi Ela quem nutriu em seu coração o mais alto índice de escuta da Palavra. *Mãe,* porque depois de ter formado o seu Filho ao conhecimento humano das Escrituras[22], é a maior especialista em educar-nos a Ele.

Para concluir

É encorajante constatar como na leitura transversal dos documentos que recebemos no Dicastério exista uma unâni-

[19] Cf. *Mt* 18,8.
[20] Cf. *Mt* 10,24-25.
[21] CT, 73.
[22] Cf. *ib.*

me tensão missionária e alegria ao falar dos catequistas, do esforço de nossas missões na preparação e acompanhamento deles, na necessidade sentida de atualizar a sua formação, especialmente em nível de inculturação do Evangelho.

Apresentamos o ideal da formação adequada dos catequistas. Através da minha experiência de visitas missionárias constatei muitas vezes que existem diversos níveis de preparação. Apresentei-os todos, porque constituíam respostas diretas a necessidades urgentes e fruto de muitos sacrifícios por parte dos missionários. As diretrizes acima indicadas não querem desencorajar os esforços atuais, mas somente indicar as possibilidades de um maior desenvolvimento.

Os catequistas são as primeiras testemunhas e evangelizadores insubstituíveis para a sólida implantação da comunidade cristã, especialmente nas jovens Igrejas. O último CG24 insiste sobre o papel do leigo como «de pleno direito sujeito de evangelização no seio do Povo de Deus»[23].

Uma leitura missionária da primeira área de intervenção entre as prioridades programáticas deste sexênio refere-se à *relação entre Salesianos e leigos, particularmente os catequistas.* Não podemos esquecer de apresentar este ministério, de convidar os fiéis a responderem generosamente a esta necessidade da Igreja e de favorecer todas as iniciativas de formação e de acompanhamento em relação a eles. A atenção privilegiada da missão da Igreja exige da nossa parte a solicitude de uma mentalidade mais profunda da eclesiologia de comunhão, de povo de Deus e de uma missiologia atualizada.

[23] CG24, 15.

A PROFISSÃO DE FÉ E O JURAMENTO DE FIDELIDADE AO ASSUMIR UM SERVIÇO A SER EXERCIDO EM NOME DA IGREJA

P. Francesco MARACCANI
O Secretário Geral

A Carta Apostólica *AD TUENDAM FIDEM* promulgada por João Paulo II, sob a forma de *Motu proprio* em 18 de maio de 1998, publicada em *L'Osservatore Romano* de 30 de junho — 1º de julho de 1998, introduzia alguma modificação em alguns cânones do Código de Direito Canônico e no Código das Igrejas Orientais quanto à *profissão de fé* e ao *Juramento de fidelidade,* a serem pronunciados por todos os que assumem um encargo eclesial e exercem-no em nome da Igreja.

O texto da *Profissão de fé* anexo à Carta Apostólica corresponde fundamentalmente ao que a Congregação para a Doutrina da Fé havia publicado em 1989, apresentado em *Acta Apostolicae Sedis* (AAS 81 [1989] p. 104). O texto fora publicado por nós, com uma apresentação, no n. 331 dos Atos do Conselho Geral, pp. 40-44. Como observava a mesma Congregação para a Doutrina da Fé na "nota de apresentação", o texto da *Profissão de fé* retomava substancialmente a fórmula em vigor desde 1967, com alguma leve modificação, enquanto o *Juramento de fidelidade,* entendido como complementar à *Professio fidei,* possuía uma nova formulação.

Enquanto envia-se ao citado n. 331 dos ACG para um comentário sobre as normas gerais que regulam esse empenho e sobre os que a eles são obrigados, de acordo com o Código e também com as nossas Constituições (superiores religiosos, párocos, professores de teologia e filosofia, reitores de Universidades eclesiásticas, todos os que são pro-

movidos ao diaconato), reproduz-se a fórmula tanto da *Profissão de fé* como do *Juramento de fidelidade,* conforme o texto anexo à Carta Apostólica *Ad tuendam fidem,* cujos conteúdos passarão a fazer parte especificamente de alguns cânones do Código de Direito Canônico.

A publicação da Carta Apostólica com a referência a estas normas, que querem sublinhar a comunhão no exercício dos ministérios e dos ofícios eclesiais, é uma ocasião também para nós para chamar a atenção dos que a isso são obrigados — por vários títulos — à fidelidade também a essas observâncias, que não são puramente formais. Para nós salesianos são expressão da fidelidade e comunhão com a Igreja e com o Papa, de que fala o art. 13 das nossas Constituições.

Eis, pois, os textos — em língua latina e na tradução portuguesa — da *Profissão de fé* e do *Juramento de fidelidade.* Para o *Juramento* é proposto o texto com a variante prevista para os religiosos nos parágrafos 4 e 5.

TEXTO LATINO

Professio fidei

Ego N. firma fide credo et profiteor omnia et singula quae continentur in Symbolo fidei, videlicet:

Credo in unum Deum Patrem omnipotentem, factorem coeli et terrae, visibilium omnium et invisibilium et in unum Dominum Iesum Christum, Filium Dei unigenitum, et ex Patre natum ante omnia saecula, Deum de Deo, lumen de lumine, Deum verum de Deo vero, genitum non factum, consubstantialem Patri per quem omnia facta sunt, qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de coelis, et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine, et homo factus est; crucifixus etiam pro nobis sub Pontio Pilato, passus et sepultus est; et resurrexit tertia die secundum Scripturas, et ascendit in coelum, sedet ad dexteram Patris, et iterum venturus est cum gloria iudi-

care vivos et mortuos, cuius regni non erit finis; et in Spiritum Sanctum Dominum et vivificantem, qui ex Patre Filioque procedit; qui cum Patre et Filio simul adoratur et conglorificatur, qui locutus est per Prophetas; et unam sanctam catholicam et apostolicam Ecclesiam; confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum, et expecto resurrectionem mortuorum, et vitam venturi saeculi. Amen.

Firma fide quoque credo ea omnia quae in verbo Dei scripto vel tradito continentur et ab Ecclesia sive sollemni iudicio sive ordinario et universali Magisterio tamquam divinitus revelata credenda proponuntur.

Firmiter etiam amplector ac retineo omnia et singula quae circa doctrinam de fide vel moribus ab eadem definitive proponuntur.

Insuper religioso voluntatis et intellectus obsequio doctrinis adhaereo quas sive Romanus Pontifex sive Collegium episcoporum enuntiant cum Magisterium authenticum exercent etsi non definitivo actu easdem proclamare intendant.

Iusiurandum fidelitatis in suscipiendo officio nomine Ecclesiae exercendo

Ego N. in suscipiendo officio ... promitto me cum catholica Ecclesia communionem semper servaturum, sive verbis a me prolatis, sive mea agendi ratione.

Magna cum diligentia et fidelitate onera explebo quibus teneor erga Ecclesiam, tum universam, tum particularem, in qua ad meum servitium, secundum iuris praescripta, exercendum vocatus sum.

In munere meo adimplendo, quod Ecclesiae nomine mihi commissum est, fidei depositum integrum servabo, fideliter tradam et illustrabo; quascumque igitur doctrinas iisdem contrarias devitabo.

Disciplinam cunctae Ecclesiae communem fovebo observantiamque cunctarum legum ecclesiasticarum urgebo, earum imprimis quae in Codice Iuris Canonici continentur.

Christiana oboedientia prosequar quae sacri Pastores, tamquam authentici fidei doctores et magistri declarant, aut tamquam Ecclesiae rectores statuunt, atque cum Episcopis dioecesanis libenter operam dabo, ut actio apostolica, nomine et mandato Ecclesiae exercenda, salvis indole et fine mei Instituti, in eiusdem Ecclesiae communione peragatur.

Sic me Deus adiuvet et sancta Dei Evangelia, quae manibus meis tango.

NB.: O quarto e quinto parágrafo em geral (para os não religiosos) soa assim:

Disciplinam cunctae Ecclesiae communem sequar et fovebo observantiamque cunctarum legum ecclesiasticarum, earum imprimis quae in Codice Iuris Canonici continentur, servabo.

Christiana oboedientia prosequar quae sacri Pastores, tamquam authentici fidei doctores et magistri declarant, aut tamquam Ecclesiae rectores statuunt, atque Episcopis dioecesanis fideliter auxilium dabo, ut actio apostolica, nomine et mandato Ecclesiae exercenda, in eiusdem Ecclesiae communione peragatur.

TRADUÇÃO PORTUGUESA

Profissão de fé

Eu N.N. creio e professo com fé firme todas e cada uma das verdades contidas no Símbolo da fé, ou seja:

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus, filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram criadas. E por nós, homens, e para a nossa salvação desceu dos

céus: e se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.

Creio também com fé firme em tudo o que está contido na Palavra de Deus escrita ou transmitida e que a Igreja, tanto com juízo solene como com Magistério ordinário e universal, propõe a crer como divinamente revelado.

Formalmente acolho e conservo também todas e cada uma das verdades acerca da fé ou dos costumes propostos pela Igreja de modo definitivo.

Adiro também com obséquio religioso da vontade e da inteligência aos ensinamentos que o Romano Pontífice ou o Colégio Episcopal propõem quando exercem o seu Magistério autêntico, embora não entendam proclamá-los como ato definitivo.

Juramento de fidelidade ao assumir um serviço a ser exercido em nome da Igreja

Eu N.N., ao assumir o serviço de ... prometo conservar sempre a comunhão com a Igreja Católica, tanto em minhas palavras como em meu modo de agir.

Realizarei com grande diligência e fidelidade os deveres aos quais sou obrigado para com a Igreja, tanto universal como particular, na qual, segundo as normas do direito, fui chamado a exercer o meu serviço.

Ao exercer o serviço, que me foi confiado em nome da Igreja, conservarei íntegro e transmitirei e ilustrarei fiel-

mente o depósito da fé, recusando portanto qualquer doutrina a ele contrária.

Sustentarei a disciplina comum a toda a Igreja e promoverei a observância de todas as leis eclesiásticas, particularmente as contidas no Código de Direito Canônico.

Observarei com obediência cristã o que os sacros Pastores declaram como autênticos doutores e mestres da fé ou estabelecem como cabeças da Igreja, e em união com os Bispos diocesanos, salvando a índole e o fim do meu Instituto, prestarei de boa vontade o meu trabalho para que a ação apostólica, a ser exercida em nome e por mandato da Igreja, seja realizada em comunhão com a mesma Igreja.

Assim Deus me ajude e estes santos Evangelhos que toco com as minhas mãos.

NB.: Tradução do quarto e quinto parágrafos no texto geral (para os não religiosos)

Seguirei e sustentarei a disciplina comum a toda a Igreja e promoverei a observância de todas as leis eclesiásticas, particularmente as contidas no Código de Direito Canônico.

Observarei com obediência cristã o que os sacros Pastores declaram como autênticos doutores e mestres da fé ou estabelecem como cabeças da Igreja, e fielmente prestarei ajuda aos Bispos da Igreja, para que a ação apostólica, a ser exercida em nome e por mandato da Igreja, seja realizada em comunhão com a mesma Igreja.

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Durante os meses de junho e julho de 1998, o principal compromisso do Reitor-Mor foi presidir e animar a sessão plenária do Conselho Geral, cujo desenvolvimento é apresentado numa breve síntese no n. 4.2 destes ACG. Junto com esse serviço e com o trabalho ordinário, deram-se também significativos encontros, visitas e momentos de celebração. Acena-se aqui a alguns deles.

Domingo **7 de junho** o Reitor-Mor esteve em **Reggio Emilia** para inaugurar as novas estruturas do oratório daquela cidade, confiado aos Salesianos. Foram dois os momentos salientes da jornada: às 10:00h, no salão de conferências, deu-se o encontro com autoridades e amigos, com as presenças de Dom Gilberto Baroni, Bispo emérito de Reggio Emilia, que quis os Salesianos na cidade, e do Prefeito da cidade; o Reitor-Mor responde às saudações de boas-vindas com uma intervenção intitulada: *Tem sentido ainda hoje o Oratório?* Às 11:00h, sob uma grande tenda, dá-se a celebração da Santa Missa, presidida por Dom Baroni, com a presença do Bispo atual, Dom Giovanni Paolo Gibertini, que fez a homilia. Participam cerca de 1.200 pessoas. O Reitor-Mor apresenta uma mensagem dirigida especialmente aos jovens.

À celebração eucarística segue-se a bênção da nova construção e o corte da fita de inauguração.

Outro momento significativo foi a **visita à Polônia** nos dias **13-15 de junho,** em que o Reitor-Mor participou das **celebrações centenárias da presença salesiana naquele País.**

Acompanhado pelo Regional P. Albert Van Hecke, pelo P. Ludwig Schwarz, Superior da Visitadoria UPS e por outros salesianos, o Reitor-Mor chegou a Cracóvia no dia 13 de junho onde manteve um encontro com os Inspetores. De Cracóvia foi a **Oswiecim,** "casa-mãe" dos salesianos na Polônia, onde chegaram há 100 anos. Acolhido pelo diretor P. Piotr Biegus, pelos irmãos, por numerosos leigos da Família Salesiana e pelos jovens da escola técnica, ao som da ban-

da, o Reitor-Mor dirige uma primeira saudação, em que declara desde o primeiro momento a sua satisfação, sublinhando o significado de um centenário *("a pequena semente deu muitos frutos")*. Em seguida é celebrada a Santa Missa em honra de Nossa Senhora, durante a qual — na homilia — o Reitor-Mor *releva como a celebração tenha um tom de intimidade e família: a igreja está, de fato, cheia de Salesianos, FMA, leigos ligados à Família Salesiana e alunos.* Apresenta, em seguida, *a figura de Maria Auxiliadora como Aquela que unifica todos os momentos destes 100 anos, que acompanhou os Salesianos em sua caminhada, suscitou entusiasmo vocacional, sustentou nas provas e infunde-nos ainda hoje coragem para enfrentar situações novas.*

À noite, às 21:00h, aconteceu uma vigília de oração, com o ato de consagração ou apelo à Virgem de Jasna Góra. O Reitor-Mor conclui com a "boa-noite" salesiana.

Acontece na manhã de **domingo 14 de junho** uma continuada chegada de irmãos, FMA e membros da Família Salesiana, vindos de várias casas da Polônia para a circunstância.

Às 10:00h, à entrada do Instituto, é realizada a cerimônia da bênção do monumento a Dom Bosco e de uma lápide de recordação dos Salesianos e FMA que deram assistência especial aos prisioneiros do campo de concentração, tristemente conhecido com o nome de Auschwitz-Birkenau. Alguns deles foram também prisioneiros. O Reitor-Mor, em sua breve intervenção, recorda *a importância da memória e a mensagem de fidelidade sugeridas pela celebração.*

O momento culminante é a solene concelebração da Eucaristia no grande pátio. Preside a Eucaristia o arcebispo de Cracóvia, Card. Francisco Macharski. Concelebram o Reitor-Mor, o bispo de Bielsko-Zywiec, Dom Taddeo Rakoczy, o bispo salesiano de Sosnowiec, Dom Adam Smigielski, Dom Gerard Bernacki, bispo auxiliar de Katowice e cerca de 250 sacerdotes salesianos.

Após a saudação do cardeal, seguem-se alguns discursos. Intervêm Dom Rakoczy, o Prefeito de Oswiecin, o Inspetor de Cracóvia. Fazem também a sua saudação, de uma forma simpática, algumas meninas das FMA que, ao final, levam flores ao Cardeal, ao Reitor-Mor e demais autoridades. A liturgia é em língua polonesa. A homilia é feita por Dom Adam Smigielski.

Concluindo a Santa Missa o Reitor-Mor toma a palavra para sublinhar, depois de saudar as autoridades, que *a celebração convida a um profundo agradecimento, e é esse o sentimento que enche o coração dos Salesianos: agradecimento primeiramente ao Senhor que nos orientou para vir à Polônia e depois nos acompanhou e sustentou mandando-nos abundantes vocações; agradecimento à Igreja polonesa que acolheu o carisma salesiano, valorizou-o e deu-lhe espaço nos próprios ambientes; agradecimento a todos os que favoreceram ou apoiaram a obra dos Salesianos. Realça que uma celebração centenária convida também à memória: houve na história da presença salesiana na Polônia pessoas geniais pela capacidade de iniciativa, houve santos e mártires. Houve, porém, tantas pessoas humildes que fizeram, dia após dia, um trabalho constante de assistência e educação aos jovens, às quais vai a nossa recordação.*

Depois de evidenciar a figura do salesiano coadjutor ou irmão salesiano leigo, que teve e tem um papel importante na escola profissional e no mundo do trabalho, *o Reitor-Mor conclui afirmando que os Salesianos se propõem nos próximos cem anos e no novo milênio a estar presentes com o espírito e o ardor de Dom Bosco nos novos problemas juvenis; sempre com o amor e o estilo de Dom Bosco resumido nas três palavras: Razão, Amor e Fé.*

Após o almoço, a que foram convidadas autoridades civis e religiosas, o Reitor-Mor vai novamente ao Santuário, repleto de pessoas, onde um consistente grupo de neo-Cooperadores espera para emitir a Promessa.

Em seguida, o Reitor-Mor faz uma breve visita à parte nova da escola e retorna a Cracóvia. Depois de presidir a Eucaristia com os irmãos da comunidade da Casa Inspetorial, retorna a Roma na 2ª feira, 15 de julho.

Outro compromisso significativo do Reitor-Mor foi a visita feita a **Boretto,** cidade natal de seu pai, no **domingo 12 de julho,** para aí inaugurar o **Oratório Dom Bosco,** acompanhado do Vigário do Inspetor de Milão, P. Giorgio Zanardini.

Depois de presidir a celebração eucarística na igreja paroquial, na manhã do dia 12, o Reitor-Mor procede à bênção dos locais do Oratório. Ao final, todos encontram-se para uma mesa-redonda, coordenada pelo P. Rossi, encarregado da Pastoral Juvenil da diocese,

sobre o tema: *Oratório, Escola e Educação.* À mesa da presidência encontram-se o P. Vecchi e a Deputada Albertina Sogliani, Subsecretária da Instrução Pública da Itália.

Entre os compromissos que se intercalam com os trabalhos do Conselho, deve-se recordar a participação do Reitor-Mor — com alguns Conselheiros Gerais — do **Encontro das Instituições Universitárias Salesianas (IUS),** realizado na Casa Geral nos dias 10-13 de julho. O Encontro foi convocado pelo mesmo Reitor-Mor e pelo encarregado especial para as IUS P. Carlos Garulo, que coordenou os trabalhos. O encontro – que era o segundo, depois do realizado em Brasília em agosto de 1995, tinha a finalidade de examinar e aprovar um *Programa comum para a promoção das Instituições Universitárias Salesianas no triênio 1998-2000.* Os responsáveis das IUS, participantes do encontro tanto no setor acadêmico como no religioso salesiano, deram a própria contribuição, chegando a um texto comum, que o Reitor-Mor aprovou em seguida.

Concluídos os trabalhos da sessão plenária do Conselho Geral, o Reitor-Mor, no final de julho e nos primeiros dias de agosto, passa alguns dias de distensão e repouso nos Apeninos da Emilia.

Retornando à sede, parte novamente no dia 10 de agosto para a **América Central** a fim de visitar a Inspetoria do Divino Salvador, que compreende as seis nações da área, por ocasião do **centenário da presença salesiana em El Salvador.**

Com uma breve escala técnica em Madri, que lhe permite visitar o Instituto Teológico Dom Bosco, chega às 23:30h do dia **10 de agosto** ao **Panamá,** primeira etapa da sua viagem. Esperam-no no aeroporto o Arcebispo do Panamá Dom José Dimas Cedeño, o Inspetor P. Heriberto Herrera e vários outros irmãos com alguns jovens.

A jornada de **3ª feira, 11 de agosto,** é muito intensa. Depois de visitar o irmão coadjutor Francesco Cherin, muito idoso e doente, P. Vecchi vai à quadra esportiva para encontrar os jovens do Instituto Técnico Dom Bosco e as alunas do Instituto Maria Auxiliadora, das FMA. O encontro desenvolve-se com saudações de boas-vindas, danças, cantos e músicas, e é encerrado pelo Reitor-Mor com uma mensagem entregue aos jovens. Recorda que *a **vida** é o tesouro mais precioso que Deus nos deu; sublinha que o ambiente*

salesiano é um presente especial e uma graça de Maria Santíssima aos jovens presentes; recorda-lhes que têm um excelente corpo de educadores e educadoras, e que nem todos os jovens têm a mesma oportunidade de ***educação*** *para crescer em ciência, consciência e sentido social segundo o estilo de Dom Bosco.*

Um segundo momento significativo é o encontro com os irmãos salesianos, que o Reitor-Mor cumprimenta cordialmente e com os quais se entretém respondendo a perguntas e tratando de alguns argumentos desenvolvidos na última sessão plenária do Conselho Geral.

Faz em seguida uma visita ao Arcebispo da diocese do Panamá, que o acolhe muito amigavelmente, com a evidente intenção de corresponder à acolhida recebida em Turim-Valdocco, quando visitou os lugares salesianos no final do Sínodo da América.

Depois do almoço com irmãos e FMA, convidados familiarmente pelo Arcebispo, faz uma rápida visita ao Canal do Panamá, recebido pelo Presidente e por outros responsáveis da administração, que lhe ilustram os vários aspectos técnicos da grande obra.

Retorna à cidade do Panamá, onde tem um encontro com os representantes da imprensa, rádio e TV, ao qual se segue — às 18:00h — a concelebração da Eucaristia na **basílica de Dom Bosco,** repleta de fiéis. Está presente o ministro da Justiça da República do Panamá Dr. Raúl Montenegro e outros funcionários do governo. Durante a celebração uma dezena de Cooperadores emite a Promessa.

À homilia, o Reitor-Mor sublinha *a impressão recebida da grande devoção que o povo panamenho nutre por Dom Bosco. Ressalta que Dom Bosco é um santo, uma pessoa que colocou Cristo no centro da própria vida e escutou e pôs em prática as suas palavras, transmitindo uma mensagem para a Igreja e o mundo. A mensagem de Dom Bosco vem-nos da sua vida e do seu apostolado. Ele fala-nos da* ***importância que a juventude tem*** *na vida da pessoa, da Igreja e da sociedade.*

Ao final da Santa Missa o Dr. Raúl Montenegro, em nome do Presidente da República, entrega ao Reitor-Mor a *Grande Cruz de Vasco Nuñez de Balboa* (explorador espanhol que descobriu o oceano Pacífico). É a maior honorificência da Nação panamenha.

O jantar com os irmãos e a Família Salesiana, com a presença de autoridades civis

e o Núncio Apostólico, encerra a primeira etapa da viagem.

No dia seguinte, **4ª feira, 12 de agosto,** às 5:00h o Reitor-Mor parte para **San José de Costa Rica,** para transcorrer o dia com salesianos e jovens daquela nação.

O primeiro compromisso é com os jovens do "Técnico Dom Bosco" em San José, reunidos na grande quadra esportiva: estão presentes os 1.400 alunos do Técnico e outros 400 representantes de Institutos das FMA. É um encontro alegre, com troca de saudações, animado por cantos e números musicais apresentados com maestria pela orquestra juvenil.

O segundo encontro é com os irmãos e cinco noviços, aos quais o Reitor-Mor manifesta *as principais impressões que teve ao participar de tantas celebrações centenárias.*

Antes de tudo a grande força de ***unidade*** *manifestada pela Congregação. É uma unidade fraterna e operativa, devida à fidelidade às Constituições, à mentalidade comum e ao espírito que reina em todas as partes. Em segundo lugar, impressiona-o o grande* ***amor a Dom Bosco,*** *honrado e amado de modo incrível em todos os lugares. Em terceiro lugar nota a* ***atualidade da missão salesiana*** *manifestada também pelos contínuos pedidos de novas fundações, e não só em países de missão. Uma quarta impressão é a sempre crescente* ***confiança em nosso sistema educativo,*** *em nosso modo de enfrentar o problema juvenil. Enfim, como quinta impressão, sublinha a* ***importância estratégica da formação.***

Depois da reunião com os irmãos, o Reitor-Mor é acompanhado a uma zona populosa e pobre da cidade, onde surge uma nova obra: o CEDES (Centro Educativo Salesiano). Esperam-no muitas pessoas, sobretudo colaboradores e simpatizantes da nova obra, entre os quais engenheiros, comerciantes e homens de negócios, aos quais o P. Vecchi agradece pela colaboração que dão à obra em favor da juventude.

À tarde vai a **Cartago,** uma pequena cidade a vinte quilômetros de San José, onde está o noviciado. A casa foi, no passado, sede de aspirantado; agora, além do noviciado, oferece hospitalidade para retiros e é sede de vários grupos da Família Salesiana. Com os noviços, estão presentes ao encontro com o Reitor-Mor muitos membros de vários grupos da Família Salesiana.

Retornando a San José, P. Vecchi vai ao Colégio Dom

Bosco no bairro "Zapote", um instituto com escola elementar, média e segundo grau, com cerca de mil alunos. Aqui o Reitor-Mor preside a Eucaristia, concelebrada com quinze sacerdotes. Na homilia *cumprimenta a todos os presentes e ressalta a importância da presença da Família Salesiana. Recorda que ela corresponde ao grande sonho de Dom Bosco: congregar numerosas forças para alcançar o maior número possível de meninos e jovens, para dizer-lhes que a vida é preciosa, que Deus os ama e tem um projeto para eles, para recordar-lhes que têm uma dignidade.*

Terminando a Santa Missa, os grupos reuniram-se na quadra esportiva para um encontro todo especial com o Superior, que participa da festiva acolhida, feita de saudações, cantos e danças, e responde a perguntas dos jovens.

Depois de jantar com os irmãos e representantes da Família Salesiana, o Reitor-Mor, antes de retornar ao Técnico para o repouso, vai ao Instituto Maria Auxiliadora para honrar a Serva de Deus Ir. Maria Romero Meneses, detendo-se em oração diante da sua sepultura.

5ª feira, 13 de agosto. O Reitor-Mor, acompanhado pelo Inspetor vai a Manágua, na **Nicarágua.** Aguardam-no no aeroporto o Card. Miguel Obando Bravo e vários salesianos vindos das casas de Manágua, Masaya e Granada.

A primeira visita é à casa salesiana de Manágua, "Centro Juvenil Dom Bosco", que compreende — além da paróquia e do centro juvenil — várias oficinas onde 600 alunos pobres aprendem alguma profissão. Depois de um breve giro pelas oficinas, vai à igreja onde é esperado pela Família Salesiana para a Santa Missa em honra de Dom Bosco.

Segue-se o encontro com os irmãos e o almoço fraterno ao qual são convidados, além dos Salesianos e FMA, vários representantes da Família Salesiana e amigos.

À tarde, o Reitor-Mor, depois de uma rápida visita à catedral e à sede da Universidade Católica "UNICA", vai à casa salesiana de **Masaya,** para o encontro com os jovens. Colocado num carro puxado por um pequeno cavalo, o Reitor-Mor é levado ao pátio interno do colégio salesiano onde um grande número de jovens, com Salesianos e FMA, organizaram uma manifestação em sua homenagem, com palavras de boas-vindas, cantos, danças folclóricas, com o acompanhamento da banda. Convidado a deixar uma mensagem aos jo-

vens, o P. Vecchi pergunta-se *o que Dom Bosco diria hoje aos jovens, resumindo a mensagem em três palavras. A primeira é* ***saúde:*** *Dom Bosco convidaria a fugir do ócio e do vício e a crescer fortes e robustos. A segunda palavra é* ***sabedoria:*** *que nasce do desenvolvimento da inteligência, da prática dos valores e da bondade do coração da pessoa e do trabalho. A terceira, enfim, é* ***santidade:*** *o ambiente salesiano dá a possibilidade de encontrar-se facilmente com Cristo que é caminho, verdade e vida.*

Ao deixar Masaya, o P. Vecchi faz uma rápida visita à igreja de Maria Auxiliadora em Granada e indo em seguida para o jantar com o Card. Miguel Obando Bravo.

Concluída a jornada na Nicarágua, depois do repouso noturno, às 5:30 da **6ª feira, 14 de agosto,** o Reitor-Mor, acompanhado pelo Inspetor, vai a Tegucigalpa, **Honduras,** para visitar as obras salesianas daquele País.

Acompanhado pelo diretor do Instituto Salesiano e por outros salesianos e amigos que o receberam no aeroporto, vai diretamente ao Instituto San Miguel, uma grande obra que acolhe cerca de 2.000 alunos para a escola elementar e secundária e outros 150 nas oficinas para a formação de ebanistas, mecânicos, soldadores e outros. Encontra-se com os jovens na quadra coberta no costumeiro clima de amizade e de festa. Além dos alunos estão também presentes um grupo de jovens das FMA, as noviças FMA e muitos professores leigos.

Após o encontro com os jovens, o P. Vecchi vai à casa da comunidade, onde, no jardim da casa, celebra a Santa Missa com os irmãos. Segue-se uma visita às oficinas, à igreja dedicada a Dom Bosco e o almoço com a Família Salesiana, ao qual está presente também Dom Héctor Enrique Santos, bispo salesiano de Tegucigalpa.

À tarde, depois de uma visita à catedral, vai à grande paróquia Maria Auxiliadora, com 120.000 habitantes, num ambiente muito pobre da cidade.

Com um vôo de 25 minutos, o Reitor-Mor vai de Tegucigalpa a **San Salvador** para a **comemoração do centenário.** É recebido no aeroporto pelos diretores das casas de El Salvador e por vários bispos salesianos da região, reunidos na sala diplomática com o Card. Obando.

Do aeroporto, o P. Vecchi dirige-se ao Colégio Santa Cecília em **Santa Tecla,** onde recebe a saudação da "guarda de honra", formada por alunos do

Colégio, e participa do jantar com as autoridades, primeiro momento das celebrações centenárias.

Entre as autoridades presentes estão o Presidente da República Dr. Armando Calderón, com sua esposa, o Vice-Presidente com a esposa, a Prefeita de Santa Tecla, a Ministra da Instrução Pública, empresários e homens de negócios. Presentes também o Arcebispo de San Salvador Dom Fernando Saénz Lacalle, o Arcebispo de Manágua Card. Miguel Obando Bravo, o Núncio Apostólico de El Salvador Dom Giacinto Berlocco, o Bispo de Santa Rosa de Copán (Honduras) Dom Luis Alfonso Santos SDB, o Vigário Apostólico de El Petén (Guatemala) Dom Oscar Julio Vian SDB, o Bispo de Zacatecoluca (El Salvador) Dom Elias Bolaños SDB, e muitas outras personalidades.

O Reitor-Mor, na "boa-noite", depois de ter agradecido aos participantes, a começar do Presidente da República, partindo das conversações durante o jantar e da história da obra salesiana em El Salvador, comunica as suas impressões: *o crescimento da obra na América Central para onde irradiou-se a partir da primeira estabelecida nesta cidade; a sintonia — "quase um matrimônio" — entre os Salesianos e a sociedade salvadorenha que hoje tem sua marca nas personalidades presentes; o segredo que torna os Salesianos próximos e úteis a esta sociedade: a sua maneira de aproximar-se e tratar os jovens.*

Sábado, 15 de agosto, solenidade da Assunção de Maria. Pela manhã, depois de cumprimentar os jovens do Colégio Santa Cecília, reunidos no teatro com o "Mago Sales" — P. Silvio Mantelli, de Turim — que os entretém, o Reitor-Mor vai à paróquia Maria Auxiliadora, onde é recebido pelo Conselho Paroquial e por muitos jovens. Recolhe-se em oração na cripta da igreja diante dos túmulos dos Salesianos que morreram em El Salvador e de vários benfeitores da obra salesiana, aqui também sepultados.

Em seguida vai ao **Palácio do Esporte** para a celebração da Eucaristia e o encontro com os jovens. O estádio está quase completamente lotado, 7.000 jovens, que acolhem o Reitor-Mor com gritos de "viva!" e calorosos aplausos.

Após uma saudação aos jovens, com um giro pelo estádio, o Reitor-Mor preside a Santa Missa. Concelebram o Card. Obando Bravo, o Núncio Apostólico e os Bispos sale-

sianos presentes, o Inspetor P. Heriberto Herrera e uns cinqüenta sacerdotes.

À homilia, o Reitor-Mor, depois da saudação ao Cardeal, aos Bispos e sacerdotes presentes e a todos os jovens, *afirma que é uma circunstância significativa a festa do centenário da presença salesiana em El Salvador no dia em que a Igreja celebra a Solenidade de Maria Santíssima Assunta ao céu.*

A solenidade recorda o **papel de Maria** na história de Dom Bosco e da Congregação. Dom Bosco disse, e os Salesianos sentiram-no freqüentemente, que tudo foi feito por Maria, e Ela tem um lugar especial na história das nossas expedições missionárias. Pode-se dizer que Maria foi a **inspiradora do sistema preventivo**.

Acenando à **espiritualidade salesiana,** P. Vecchi afirma que Maria é um texto fundamental para compreendê-la e vivê-la. Dom Bosco propôs Maria como Mestra e Auxiliadora. Ela nos ajuda e ilumina indicando-nos os pilares que sustentam a espiritualidade salesiana.

O primeiro é o valor da ***vida****. O segundo é* ***Cristo,*** *sentido e plenitude de vida como ele mesmo indicou-nos. O último pilar é o* ***compromisso apostólico,*** *a serviço da Igreja e para o mundo, no trabalho de evangelização e na doação aos outros com a força e a graça que nos vêm de Cristo.* Ao final da Santa Missa, seguem-se cantos e danças, e o Reitor-Mor responde às perguntas que os jovens lhe fazem.

Em seguida, P. Vecchi vai à **Ciudadela Don Bosco** em San Salvador, uma obra imponente, composta de várias pequenas construções colocadas em meio ao verde, onde encontram-se cursos elementares e secundários, centro de formação profissional, paróquia, centro juvenil e a Universidade Dom Bosco. As crianças e jovens que freqüentam a Ciudadela são cerca de 2.000. O almoço é servido nessa obra com as presenças também do Card. Obando, do Núncio Apostólico e dos Bispos salesianos. À tarde dá-se o encontro com os irmãos para uma conversação.

Em seguida, o Reitor-Mor retorna ao Colégio Santa Cecília, onde está no programa um simpósio sobre o tema: *O Espírito Santo no Sistema Preventivo.*

Domingo, 16 de agosto, após a celebração da Santa Missa na comunidade de Santa Cecília, dá-se a reunião com o Conselho Inspetorial. Depois, antes de deixar a cidade,

P. Vecchi vai ao vizinho Oratório para cumprimentar o irmão coadjutor Gaitán Julio, que aí trabalha há 48 anos e está completamente cego.

Deixando Santa Tecla, o Reitor-Mor vai a **Santa Ana,** onde visita brevemente as duas obras salesianas: o Colégio São José e a Ciudad de los Niños, que acolhe 330 alunos internos, em grande parte órfãos de guerra ou filhos de famílias desajustadas. P. Vecchi, acolhido pela banda, visita os locais e vai almoçar com todos os salesianos na indústria "Imacasa".

Após o almoço parte para a cidade de **Guatemala** onde chega depois de três horas e meia de viagem. Dirige-se primeiramente à casa inspetorial e depois ao **Teologado** onde estão reunidos os capitulares para o **Capítulo Inspetorial.**

Depois do jantar e a récita das Completas, o Reitor-Mor manifesta na "boa-noite" *algumas impressões pessoais sobre a sua visita às nações da América Central. Ressalta que na América Central aconteceu uma ótima penetração da obra salesiana no tecido da sociedade civil; prova disso são o reconhecimento da Grande Cruz de Vasco Nuñez de Balboa no Panamá e a presença do Presidente da República em El Salvador. Isso, porém, é como a ponta de um iceberg: o que impressiona é a estima que o povo tem pela obra salesiana e a sua participação nas várias iniciativas.*

Sublinha que o impressionaram os encontros com os jovens, tanto os oficiais e organizados, como os espontâneos. Com eles respirou confidência, confiança e sintonia em relação ao que lhes comunicamos.

Os encontros com a Família Salesiana, particularmente o de Santa Cecília, revelaram um alto nível de colaboração por parte de todos os grupos. Não resta senão agradecer a Deus e aos irmãos pelo que foi feito e continuar com descortino em vista do segundo centenário.

Pela manhã da 2ª feira, 17 de agosto, o Reitor-Mor preside a celebração eucarística na igreja paroquial do Teologado.

Depois, às 9:00h, faz a primeira conferência para os dois dias de retiro dos capitulares: buscando motivos também na revisão feita na recente sessão do Conselho Geral, fala da comunidade e das preocupações que ela sugere nestes tempos de nova evangelização.

Vai em seguida ao **Colégio Dom Bosco,** na cidade de Guatemala, onde é recebido por 2.000 alunos que freqüentam os cursos elementares e

secundários. O encontro com os jovens é realizado na grande área coberta.

Retornando ao Teologado para o almoço, P. Vecchi faz a segunda conferência com um tema tirado das impressões tidas nas celebrações centenárias de que participou nas várias partes do mundo: *a figura singular de Dom Bosco com o seu patrimônio de humanidade, de capacidade educativa e de santidade; o lugar da Congregação no campo juvenil; a atualidade do Sistema Preventivo, a nossa capacidade de contato com os jovens; a unidade da Congregação.*

Após a conferência, o Reitor-Mor vai novamente ao Colégio Dom Bosco para aí encontrar-se com a Família Salesiana. Estão presentes cerca de 300 membros dos vários grupos.

3ª feira, 18 de agosto, após a celebração eucarística com os capitulares, faz a terceira conferência do retiro, cujo tema quer responder à questão: *Qual a vida de oração a que é chamado o salesiano? Seus modelos são Jesus Cristo e Dom Bosco.*

Ao final da conferência, o Inspetor agradece ao Reitor-Mor pelo dom que fez à Inspetoria com a sua visita.

O Reitor-Mor despede-se dos capitulares com uma saudação e com votos cordiais para, em seguida, fazer uma visita ao **Pós-noviciado** onde é recebido por cerca de 30 pós-noviços, aos quais se uniram também os estudantes de teologia. Aqui acontece o encontro dos irmãos em formação, aos quais o Reitor-Mor fala do *tipo de salesiano para o futuro.* Segue-se o almoço do qual participam dezesseis "Hermanas de la Resurrección", congregação fundada em 1977 pelo salesiano P. George Puthenpura.

Ao final do dia, depois de um novo encontro com o Inspetor, o Reitor-Mor deixa a cidade da Guatemala e retorna a Roma.

Depois de alguns dias de trabalho na sede, o Reitor-Mor vai, no dia 3 de setembro, a **Milão** para participar, na manhã do dia 4, da jornada de reflexão e estudo dos salesianos e professores leigos das escolas e CFP (Centros de Formação Profissional) da Inspetoria em vista do novo ano escolar. Participam cerca de 600 pessoas reunidas no salão de teatro. P. Vecchi apresenta uma relação sobre o tema: *Como a comunidade educativa pode educar à fé nas escolas e nos CFP.*

Retornando a Roma, o Reitor-Mor parte novamente para outra visita significativa

na **Albânia,** por ocasião da profissão dos noviços, os primeiros que fazem o noviciado e professam na Albânia.

Sábado, 5 de setembro, P. Vecchi está em **Tirana** onde, depois da calorosa acolhida por parte de Salesianos, FMA e jovens, vai benzer uma igreja, ainda em construção, no bairro "Breglumasi" na paróquia salesiana dedicada a Dom Bosco.

Retornando à casa salesiana, preside a Santa Missa com a presença de Salesianos, FMA, colaboradores e amigos, durante a qual dá-se a posse do novo diretor, P. Matteo Di Fiore. À homilia, o Reitor-Mor, partindo do momento fecundo e interessante que a Congregação está vivendo na Albânia, sublinha que a profissão dos cinco noviços é o início da realização da esperança que os Salesianos tinham quando vieram a este País, e que é interessante *ver a obra de Deus no momento da semeadura e depois no momento da colheita: isso ajuda a trabalhar nos inícios com esperança e confiança de que tudo o que está sendo iniciado dará fruto.*

A jornada conclui-se com o jantar no qual se encontram Salesianos, FMA e voluntários num encontro de família, cordial e alegre.

16 de setembro, domingo, depois de visitar a nova casa das FMA em Tirana, o Reitor-Mor vai a **Scutari,** onde acontecerá a profissão dos cinco noviços. Acolhem-no os noviços com o Mestre P. Rudi Borstnik e o P. Pasquale Sammarro, que pregou os Exercícios Espirituais. Chegam mais tarde o P. Michele Gentile e o P. Zef Gashi, nomeado Arcebispo de Bar, e que será consagrado no dia 19 de setembro em São Pedro pelo Card. Tomko. A casa e o P. Rudi Borstnik ainda apresentam os sinais da agressão da noite de 22 de março por um bando armado.

À tarde, na Catedral, o Reitor-Mor preside a Eucaristia durante a qual os noviços emitem a profissão. Antes da celebração, o P. Vecchi cumprimenta o arcebispo de Scutari, Dom Angelo Massafra. Está presente na igreja, um bom número de pessoas: FMA, religiosos e religiosas de várias Congregações, parentes dos noviços, membros da Família Salesiana e amigos. À homilia, partindo dos textos litúrgicos e do rito da profissão, sublinha que *a celebração recorda àqueles que se sentem já encaminhados no caminho vocacional, a urgência de serem fiéis e também expressivos da própria vocação. Aos pais e edu-*

cadores, recorda que Deus fala ao coração das crianças e dos jovens, e que eles são capazes de responder: a aventura de seguir a Cristo pode ser apaixonante para os jovens! Aos jovens, em particular, recorda que Deus tem um projeto para eles, e que é necessário abrir o coração ao chamado de Deus e a vida à generosidade.

2ª feira, 7 de setembro, depois de visitar a nova casa salesiana das FMA, ainda em construção, e o seminário apenas construído, o Reitor-Mor, Salesianos, FMA, jovens e amigos encontram-se no santuário dedicado a Nossa Senhora do Bom Conselho, na periferia de Scutari, às margens do Drin, para a celebração da Santa Missa. À homilia, partindo do episódio evangélico das bodas de Caná, o Reitor-Mor sublinha a presença e a ação materna de Maria, que previne e acompanha, a vida das famílias, das nações — com referência específica à Albânia — e da Igreja. Antes de partir para o aeroporto, agradece novamente a todos os irmãos pelo seu generoso e sacrificado trabalho; um agradecimento particular é feito à Inspetoria Meridional que implantou a obra na Albânia com grande esforço e confiança.

Retornando a Roma, o Reitor-Mor dedica-se logo aos trabalhos das assim chamadas **reuniões intermédias do Conselho Geral,** que se realizam nos dias 8 a 11 de setembro. Estão presentes, além do Reitor-Mor que preside e o seu Vigário, os Conselheiros dos Dicastérios e o Regional para o Norte e Leste da Europa, constando da ordem do dia — como tema principal — uma reflexão sobre a presença salesiana nos países do Leste Europeu. Partindo da caminhada feita nos últimos anos nos diversos Países, o Conselho analisou a atual realidade salesiana e as perspectivas de futuro desenvolvimento, dando orientações e sugestões.

Entre os demais assuntos tratados, recordam-se: a caminhada de unificação das duas Inspetorias salesianas da França; o escritório de imprensa e relações públicas da Direção Geral; indicações para a preparação das "visitas de conjunto" 1999-2000.

As reuniões foram encerradas no dia 11 de setembro.

4.2 Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária de verão do Conselho Geral — quinta desde o início do sexênio — teve início em 2 de junho de 1998 e concluiu-se em 24 de julho, com o total de 30 reuni-

ões plenárias, acompanhadas de outros encontros de grupos e setores.

Como sempre, foi muito intenso o trabalho do Conselho para responder às numerosas práticas vindas das Inspetorias: nomeações de membros dos Conselhos Inspetoriais e aprovação de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período 6 aberturas de novas casas, 6 ereções canônicas de casas, 5 encerramentos canônicos), práticas relativas a salesianos e práticas econômicas e administrativas.

O empenho maior foi dedicado aos temas relativos ao governo e animação das Inspetorias e ao estudo de alguns temas de caráter mais geral que interessavam ao Conselho ou à Congregação em seu conjunto. Apresenta-se em seguida um elenco dos principais assuntos.

1. *Nomeações de Inspetores*

Também durante esta sessão o Conselho procedeu — embora em número inferior a outras vezes — à nomeação de Inspetores ou Superiores de Visitadoria, seguindo o procedimento costumeiro desse importante empenho: análise cuidadosa da consulta inspetorial, discernimento em sede de Conselho, primeira votação sondagem sobre os principais candidatos, votação definitiva com consenso sobre o candidato designado. É este o elenco (em ordem alfabética) dos Inspetores nomeados: Castrellón Camilo, Inspetor de Santafé de Bogotá, Colômbia; Dal Ben Santo, Inspetor do Peru; Komárek Jan, Inspetor de Praga, República Checa; Roca Alfredo, Superior da nova Visitadoria da Etiópia e Eritréia; Wong Andrew, Superior da nova Visitadoria da Indonésia e Timor.

2. *Relatórios das visitas extraordinárias*

Foram numerosas, nesta sessão plenária, as Inspetorias ou Circunscrições cujos relatórios de visita extraordinária foram estudados. O exame do relatório — preparado pelo Visitador — é um momento importante para o Conselho devido à reflexão aprofundada, a partir dos dados da visita, da realidade, da vida das comunidades e da significatividade da missão, do projeto inspetorial e das perspectivas de futuro.

São estas as Inspetorias ou Circunscrições cujos relatórios foram examinados: África Tropical Equatorial, Brasil — Belo Horizonte, Brasil — Manaus, Colômbia — Bogotá,

Colômbia — Medellín, Croácia, Filipinas Norte, França — Lyon, França — Paris, Japão, Irlanda, Itália — Lombardo-Emiliana, Madagáscar, Oriente Médio, Polônia — Pila, Roma — Casa Geral.

3. *Relatórios informativos de cada Conselheiro*

Como nas outras sessões plenárias, cada Conselheiro de setor (formação, pastoral juvenil, família salesiana e comunicação social, missões, economia), como também o Reitor-Mor e o seu Vigário, fizeram uma breve apresentação das principais atividades desenvolvidas — pessoalmente e em nível de Dicastério — a serviço da animação das Inspetorias e da Congregação em nível mundial.

Trata-se de "relatórios informativos", cujo escopo é, não só manter constantemente atualizados todos os Conselheiros sobre a caminhada feita em cada setor, mas também ajudar a coordenação e, eventualmente, indicar ou fazer brotar aspectos particulares que exijam um exame mais cuidadoso por parte de todo o Conselho.

4. *Temas de estudo e decisões operativas*

Durante a sessão, ao lado de assuntos relativos às Inspetorias e Regiões, o Conselho enfrentou alguns temas, que se referiam mais em geral ao governo e animação da Congregação, com particular atenção à programação do sexênio, e à mesma vida e ação do Conselho. Não faltaram algumas decisões, relacionadas com os temas tratados. Apresentam-se em seguida os principais assuntos de reflexão.

4.1 *Revisão da ação de animação e governo do Conselho Geral no período 1996-1998*

A pouco mais de dois anos do início do sexênio, o Reitor-Mor quis que fosse colocada no Conselho para *revisão* a ação desenvolvida no período em vista da animação e governo da Congregação. Metodologicamente, houve uma reflexão pessoal feita sobre uma grade proposta pelo Vigário do Reitor-Mor, depois um grupo de trabalho que elaborou uma síntese do estudo feito, e que foi submetida a exame na sessão plenária do Conselho. A revisão foi articulada ao redor dos seguintes pontos principais:

a) A vida e a missão de toda a Congregação: um amplo olhar sobre a realidade da Congregação, nos vários contextos, e os principais desafios surgidos.

b) A nossa programação para o sexênio: como estamos atuando as linhas da programação e como ela está incidindo na animação das Inspetorias.
c) Os projetos particulares enunciados na programação e apresentados em Conselho: qual o estado de sua atuação.
d) A vida e a ação do Conselho Geral: revisão do trabalho no interior do Conselho e nos diversos setores de atividade, e indicações para uma sempre maior eficácia da animação.

4.2 *Plano de renovação e relançamento do Boletim Salesiano no mundo*

Um dos projetos apresentados na programação do sexênio referia-se à *renovação e relançamento do Boletim Salesiano no mundo* em suas diversas edições e línguas. O Dicastério da Comunicação Social, nestes dois anos, com a coordenação de um "Diretor Central do Boletim", nomeado especificamente para acompanhar o projeto, depois de ter feito uma pesquisa entre os Boletins Salesianos no mundo, chegou à elaboração de um *plano de renovação e relançamento do BS,* que o Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social apresentou ao Conselho. Este, com um cuidadoso exame e um confronto entre as várias propostas, deu a sua aprovação às linhas gerais do projeto, cuja atuação concreta será cuidada pelo Dicastério, sempre em ligação com o Reitor-Mor. Entre as linhas operativas do *plano de renovação e relançamento* algumas visam a fazer com que o Boletim adquira uma maior visibilidade (periodicidade ao menos bimestral, criação de dois BS na África, um em francês e outro em inglês); outras tendem ao crescimento na colaboração (eventual Comissão mundial) e uma maior eficácia organizativa (Conselho de redação e Conselho de administração em cada Boletim).

4.3 *Salesianos e Internet*

O tema, que já fora objeto de estudo nas reuniões intermédias do Conselho em abril de 1998, articulou-se fundamentalmente ao redor de três pontos:

a) Formação dos salesianos e colaboradores nesse campo.
b) Estudo de um site Internet da Direção Geral: trata-se de renovar o atual, recolhendo nele a realidade salesiana, com uma infor-

mação atualizada sobre ela.

c) Proposta de realizar um CD-rom interativo e didático com as Memórias Biográficas de Dom Bosco na edição original.

4.4 *Estrutura do Governo Central*

O Conselho Geral continuou o estudo do tema das estruturas de governo em nível central, conforme as indicações do CG24 (n. 191), estudo já iniciado na sessão de verão de 1997 (cf. ACG 361, n. 4.2) e continuado na sessão intermédia de abril de 1998.

Examinaram-se particularmente nesta sessão os resultados alcançados na primeira fase, com a ajuda da Agência *Cooper & Lybrand,* constituída por especialistas em processos empresariais, e foram projetadas algumas modalidades para continuar a nova fase do trabalho.

4.5 *Projeto Refugiados*

Partindo da primeira reflexão feita na sessão de janeiro de 1998 e, depois, de um encontro organizado pelo Dicastério das Missões e realizado na Casa Geral nos dias 4 e 5 de fevereiro de 1998 sobre a realidade dos "refugiados" e a ação que os Salesianos já desenvolvem em várias partes, o Conselheiro para as Missões submeteu ao Conselho Geral — que as aprovou — algumas propostas operativas que tendem a reforçar e coordenar melhor a ação salesiana nesse campo. Trata-se do *Projeto Refugiados,* indicado na programação. Geograficamente as propostas estendem-se, em particular, aos seguintes países: América: Guatemala e México; África: Região dos grandes lagos (Burundi e Ruanda); África Leste: Sudão, Etiópia e Eritréia; África Oeste: Libéria, Serra Leoa; Europa: Albânia.

5. *Reunião conjunta dos Conselhos Gerais FMA e SDB*

À tarde do dia 22 de dezembro, na Casa "Santa Rosa" das FMA em Castelgandolfo, realizou-se o encontro periódico dos dois Conselhos Gerais dos SDB e das FMA. O tema do encontro referia-se ao argumento de interesse recíproco: *Relações de colaboração entre SDB e FMA em nível inspetorial e local.*

O Reitor-Mor e a Madre Geral introduziram o tema, sublinhando que o argumento responde a um sentido desejo de que o nosso serviço — também através de uma maior co-

laboração recíproca — torne-se mais amplo, completo e fecundo, e ao mesmo tempo que para isso seja necessário que nos conheçamos mais e melhor, e também que reavivemos o dom do Espírito, presente em nosso carisma e em nossa história.

O trabalho foi, em seguida, articulado em dois momentos:

— partindo de algumas experiências positivas de colaboração (foram consideradas quatro experiências, apresentadas respectivamente por duas FMA e dois SDB), procurou-se — através de algumas constatações relevadas pelas mesmas experiências — individuar *condições que favorecem a colaboração;*

— houve em seguida um momento de reflexão para chegar-se a alguns *critérios compartilhados* para uma colaboração mais ampla e fecunda.

As conclusões do encontro dos dois Conselhos, recolhidas por um Conselheiro SDB e uma Conselheira FMA, foram assumidas e elaboradas numa *comunicação* conjunta do Reitor-Mor e da Madre, que foi transmitida aos dois Institutos *em vista de um caminho de colaboração.* A comunicação é apresentada no n. 5.1 do presente número dos ACG.

Deve-se recordar, enfim, um outro tempo significativo da vida do Conselho Geral: os *Exercícios Espirituais,* que se realizaram nos dias 21 a 27 de junho em Chianciano Terme, na casa das Irmãs Beneditinas da Sagrada Face de N.S.J.C., com a pregação e acompanhamento do Fr. Anthony Mc Sweeney, ex-Superior Geral dos Sacramentinos, que propôs o tema: *Eucaristia e dom do Espírito.*

5.1 "Para um caminho de colaboração"[1]

Comunicação do Reitor-Mor e da Madre Geral aos Salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora

Roma, 24 de julho de 1998

1. A comunhão, nossa missão jubilar

A preparação para o ano jubilar de 2000 é, para a humanidade inteira, um apelo à comunhão, um chamado a reconhecer e construir a grande família humana como família de filhos amados e salvos por Deus. Um caminho histórico e eclesial que o Espírito conduz para a unidade, na riqueza e integração dos dons próprios dos indivíduos e dos vários grupos. Como membros vivos da Família Salesiana, nos reconhecemos nessa experiência e sentimos o chamado a tornar mais explícito o nosso carisma de comunhão para a salvação dos jovens.

Dom Bosco nos pensou e nos quis assim.

Nessa lógica de comunhão na diversidade, Dom Bosco e Madre Mazzarello deram início à experiência de unidade e colaboração entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, da qual hoje queremos assumir sempre mais profundamente o caráter carismático e as exigências de colaboração.

Madre Mazzarello olha para Dom Bosco como aquele que inspira definitivamente a sua vida, a vida das suas Irmãs: "Vivamos na presença de Deus e de Dom Bosco", "Dom Bosco é um santo, e eu o sinto" *(Cronist. I 150)*.

E Dom Bosco reconhece o valor de sabedoria e santidade de Madre Mazzarello, valoriza seus dotes, sua criatividade, a capacidade de discernimento, a sua marca feminina no carisma comum. Assim fala ao Padre Cagliero, então diretor do Instituto:

"Tu conheces o espírito do Oratório, o nosso sistema preventivo e o segredo de fazer-se amar, escutar e obedecer pelos jovens, amando a todos e não mortificando ninguém, e assistindo-os dia e noite com pa-

[1] Tradução da Ir. Joanna D'Arc Fontes, FMA.

terna vigilância, paciente caridade e benignidade constante. Pois bem, esses requisitos a boa Madre Mazzarello os possui e, por isso, podemos estar confiantes no governo do Instituto e no governo das Irmãs (a congregação delas é igual à nossa; tem o mesmo fim e os mesmos meios, que ela inculca às Irmãs com o exemplo e com a palavra" *(MACCONO F, in Santa Maria D. Mazzarello Co-Fundadora e primeira Superiora Geral das FMA, vol.1, 274, Turim 1960).*

O olhar às origens nos inspira a sermos família, a trabalhar na partilha do mesmo carisma.

Sentimos que, nesta passagem de século, a nossa comunhão pode realmente ser a primeira missão, o primeiro dom que Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora oferecem à Igreja e aos jovens.

2. Um sinal de comunhão

O encontro dos dois Conselhos Gerais — que se deu em Castelgandolfo no dia 18-6-98, entra nessa perspectiva. Ele dá continuidade a uma caminhada de confronto e fraternidade que muitas vezes os viu reunidos na vontade de buscar estradas e experiências de comunhão.

O tema do último encontro "Relacionamentos de colaboração entre SDB e FMA, em nível inspetorial e local", responde ao desejo de todos de viver em unidade e, por isso, de maneira mais completa, o carisma comum.

Conscientes da rica colaboração já existente entre FMA e SDB, começamos a nossa reflexão relendo quatro experiências positivas em diferentes níveis

— *local*: Oratório-CJ de St. Mary's (Austrália)

— *inspetorial*: animação inspetorial (Barcelona -Espanha)

— *nacional*: centros pastorais nacionais (Itália)

— *de organização* (co-responsabilidade) missionária: Catecumenato Yanomami (Venezuela).

De cada experiência foram evidenciados os passos de projetação, aquilo que favoreceu a colaboração, as dificuldades encontradas e os caminhos descobertos para superá-las.

À luz dessas experiências e de algumas linhas apresentadas no encontro, a reflexão comum confirmou-nos na certeza do dom carismático da comunhão, e animou-nos a explicitar critérios e atitudes interiores que podem orientar e facilitar a unidade e a colaboração.

3. Nas raízes da colaboração

Na aldeia global em que estamos vivendo, a Igreja se coloca como sinal de unidade e de paz, antecipação e anuncio jubiloso da família de Deus, chamada a formar a Jerusalém celeste. Como filhas e filhos da Igreja, também nós somos chamados a ser sinais visíveis da unidade, que vem do Pai e que se manifesta no âmbito da mesma missão. O Filho nos quer semelhantes a ramos que se reconhecem e se unem na única Videira. O Espírito que, enriquecendo-nos com seus dons, nos quis diferentes — por educação, sensibilidade, sexo, cultura, história pessoal e congregacional — chama-nos a nos integrarmos como membros do corpo de Cristo e como grupos da Família Salesiana.

Chamados à mesma missão, saídos do mesmo Fundador, dotados de um mesmo patrimônio espiritual, reconhecidos em todas as partes do mundo pelo mesmo inconfundível estilo educativo, somos convidados a ler nesses traços da nossa fisionomia um forte apelo à fraternidade.

Ele se manifesta no vivo desejo de unidade de tantas Filhas de Maria Auxiliadora e de Salesianos, na vontade que os jovens têm de nos ver juntos e na alegria deles que cresce quando isso se realiza, na integração e no enriquecimento recíprocos, todas as vezes que uma experiência positiva nos permite um real intercâmbio de dons.

4. Atitudes interiores

O fato de receber do Senhor uma mesma graça vocacional, comunal e missionária, e a fraternidade que nos une se tornam a ótica normal com que nos vemos uns às outras, descobrindo-nos certamente diferentes, mas também interessantes e "surpreendentes" como é próprio de um dom.

Então é fácil superar os lugares comuns e os estereótipos, os preconceitos e as preguiças mentais — por exemplo sobre o homem e a mulher, sobre Salesianos e Irmãs — para nos aproximarmos com humildade e gratidão da originalidade do outro e da outra, que é convite à descoberta, ao diálogo, à integração e, sempre, um desafio a crescer mais ainda.

Isso nos leva a viver relacionamentos maduros, em que se dá e se recebe confiança, e até mesmo possíveis momentos de crise são administrados serenamente. Caminha-se na clareza e na transparência do diálogo, em que cada um ex-

põe francamente os próprios pontos de vista, dando escuta profunda aos do próprio interlocutor.

Então, evita-se a impaciência que traz o risco de queimar etapas e pessoas, e experimenta-se cotidianamente a arte de recomeçar do princípio, sabendo que a comunhão é um longo processo, não retilíneo, mas indispensável, e no fim, tranqüilizador.

A atenção para fugir às generalizações e aproximar-nos da pessoa com respeito, levanos também a reconhecer serenamente as diferenças de caminho e de organização das nossas comunidades e dos nossos Institutos, as modalidades diferentes de administrar a autoridade, a originalidade específica da inserção nos caminhos pastorais, as competências particulares amadurecidas no contato do jovem ou da jovem. Em vez do risco de nivelamento, abre-se caminho para a descoberta da diversidade, como raio da presença operosa e criativa do Espírito.

5. Critérios operativos

Se as nossas atitudes interiores são marcadas pela fraternidade educativa e apostólica, isso aparecerá também no modo de administrar a inteira gama dos relacionamentos de colaboração.

O trabalho não poderá absorver todo o espaço da nossa relação. Essa se expandirá também na busca de ocasiões para rezar juntos, festejar juntos — especialmente no *Dies Domini* — para consolidar aquela raiz de toda colaboração que é uma fraternidade capaz de amadurecer também na alegria da amizade.

Estaremos juntos no esforço de ler a condição dos jovens e do povo de Deus que somos chamados a servir e a educar. A nossa diversidade de leitura nos permitirá uma melhor aproximação da compreensão da condição real em que vivem os nossos destinatários.

Juntos, desde o início, saberemos propor as linhas de um projeto que, embora realizado em lugares ou comunidades diferentes — será facilmente reconhecível nas linhas portantes e compartilhadas. Nele será visível não apenas o nosso esforço de colaboração, mas também o de criar espaços e convites a uma plena coresponsabilidade por parte dos outros membros da Família Salesiana.

A partilha global do projeto não tornará demasiado difícil nem muito menos supérflua, a necessária revisão que — além de elemento propulsor da ação — será também húmus que nutre a nossa fra-

ternidade. Agir com determinação e refletir com método sobre a própria experiência educativa são atitudes comuns desde os primórdios da história salesiana.

Uma autêntica fraternidade não exclui, pelo contrário, requer clareza de tarefas e de responsabilidades, respeito aos papéis confiados a cada um, e flexibilidade, transparência econômico-financeira, unida à prudência e legalidade administrativa.

A presença e a partilha do projeto comum por parte dos superiores competentes será uma ajuda para superar as inevitáveis dificuldades e dar a necessária continuidade às escolhas pastorais e projetuais.

6. Algumas propostas possíveis

O encontro de que falamos permitiu-nos exprimir o "espírito de família" que Dom Bosco nos deixou como herança preciosa. É uma alegria que — por toda parte, no mundo — somos chamados a redescobrir, para permitir um amplo respiro à nossa fraternidade. Muitos co-irmãos e co-irmãs aprenderam a viver e a sentir-se juntos, desde os primeiros anos de sua vida salesiana — quando antes mesmo de chamá-la pelo nome — a "Família Salesiana" já era experiência vivida e intimamente saboreada.

Parece-nos também significativo reconhecer e encorajar tudo o que — em nível de colaboração e de co-responsabilidade múltiplas — já está sendo vivido em muitas partes do mundo: um sinal delas são as quatro experiências paradigmáticas sobre as quais se confrontaram os dois Conselhos Gerais. São feitos encontros nacionais e regionais de Inspetores-Inspetoras, de Diretoras-Diretores, partilhas pastorais significativas em nível de nação, Inspetoria, obra; sinergia em projetos missionários, 'partnership' editoriais, co-presenças fecundas em associações educativas e pastorais...

Nesse contexto, talvez não seja fora de lugar sugerir que se aprofunde a possibilidade de outras formas de partilha e 'partnership': novos encontros entre dicastérios dos Conselhos Gerais, confrontos em diversos níveis sobre caminhos vocacionais e formativos, empenhos comuns em oratórios e em outras obras da linha de frente, onde a presença de salesianos e salesianas propicia um clima educativo mais eficaz.

E tudo isso sem esquecer que a nossa fraternidade é um

precioso fator de comunhão para a Família Salesiana inteira, que amadurecerá com os nossos progressos, mas que poderia também sofrer devido a algum retardo nosso.

7. Em caminho rumo ao Jubileu

No início do terceiro milênio, o Deus da Vida nos chama a viver, com renovado entusiasmo, o dom de comunhão inscrito na nossa vocação.

Trata-se de dar novo impulso a uma história que vem de longe e que recebe seu impulso da santidade de Dom Bosco e de Santa Maria Mazzarello.

Mas também essa experiência carismática caminha com os pés dos homens e das mulheres que nós somos e, por isso, recebe concretude da nossa maturidade, do nosso itinerário de contínuo crescimento humano e salesiano. Formar para a comunhão, encorajar o mais possível a colaboração, dar tempo ao tempo de modo que se aprenda a paciente arte de colaborar, de perdoar, de recomeçar, são alguns dos empenhos que podemos assumir em vista da Jubileu.

Nós os confiamos a Dom Bosco e a Madre Mazzarello. Peçamos aos nossos santos que transfundam um pouco de sua comunhão celeste nessa nossa tão desejada comunhão terrena.

Estamos com vocês, com a nossa amizade e com uma especial oração.

Padre Juan E. Vecchi
Ir. Antonia Colombo

5.2 Decreto para a aprovação dos Voluntários Com Dom Bosco como Associação Pública de Fiéis Leigos

Apresenta-se, na tradução portuguesa, o decreto com que o Arcebispo de Caracas, Dom Ignacio Velasco García, concede — de acordo com o direito — o reconhecimento eclesial aos Voluntários Com Dom Bosco como Associação Pública de Fiéis na Igreja Particular de Caracas.

Segue a carta do Reitor-Mor, endereçada aos mesmos Voluntários Com Dom Bosco, com que dá execução ao decreto do Arcebispo.

ARQUIDIOCESE DE CARACAS

DECRETO SOBRE OS VOLUNTÁRIOS COM DOM BOSCO

A Igreja às portas do Terceiro Milênio conhece um

florescimento excepcional de novas formas de vida consagrada apostólica, na seqüela dos grandes fundadores e nas correntes de suas espiritualidades.

Essas novas forças são manifestadas nas igrejas locais; os Bispos diocesanos tornam-se seus responsáveis e dão-lhes a aprovação, para que atuem em comum com a Igreja no desenvolvimento de sua missão, na linha de uma determinada espiritualidade e carisma.

Entre os grandes Fundadores que marcaram a vida da Igreja, devemos enumerar Dom Bosco. Do tronco do carisma salesiano já floresceram diversos grupos de vida consagrada religiosa e secular, associações e movimentos.

A presença do carisma salesiano é difusa e múltipla nas Igrejas Particulares da Venezuela. Justamente nessas Igrejas manifestou-se e teve início um outro aspecto desse carisma, com o pedido que alguns jovens fizeram aos Salesianos para que os guiassem no caminho da secularidade consagrada segundo o espírito de Dom Bosco.

Estes jovens, relacionados entre si sob a guia de alguns sacerdotes e de acordo com os superiores locais, reuniram-se e deram vida à Associação de fato dos "Voluntários Com Dom Bosco", empenhando-se em viver segundo um regulamento de vida redigido em vista de uma forma de vida consagrada leiga e no espírito de São João Bosco.

Os jovens interessados nessa caminhada, depois de alguns anos, cresceram em número e consolidaram a própria experiência. O Reitor-Mor dos Salesianos — em virtude da ligação com o carisma de Dom Bosco e do acompanhamento dado pelos Salesianos — apresentou o pedido para que os "Voluntários Com Dom Bosco" fossem reconhecidos na Igreja como Associação Pública de fiéis leigos, cujos membros têm a intenção explícita de serem reconhecidos em seguida como Instituto Secular Leigo de direito diocesano e sucessivamente de direito pontifício. O Reitor-Mor apresentou, para isso, a documentação sobre a origem histórica deste caminho de consagração secular leiga segundo o espírito de São João Bosco e sobre o estado atual da Associação de fato, que compreende jovens de muitos países.

Baseado, pois, no pedido apresentado pelo Reitor-Mor, depois de ter examinado a documentação e considerada a oportunidade de dar reconhe-

cimento oficial ao movimento juvenil dos "Voluntários Com Dom Bosco", consciente da responsabilidade confiada pelas novas formas de vida consagrada ao ministério e ao cuidado do Bispo Diocesano, **com o presente DECRETO — de acordo com o cânon 312 § 1,3 — erijo a Associação de fato de que se fala acima, como ASSOCIAÇÃO PÚBLICA DE FIÉIS LEIGOS,** nesta Igreja Particular de Caracas, Venezuela.

Com este mesmo decreto aprovo as Constituições da Associação, reconhecendo que elas correspondem aos intentos da Igreja e estão de acordo com a Legislação Canônica. Nelas são indicadas as linhas de vida para o nascente Instituto Secular.

A Associação terá, o quanto possível, a forma jurídica do nascente Instituto Secular. Particularmente:

1. A Associação tem personalidade jurídica conforme o cânon 313.
2. Os membros sigam a formação regular e suficiente, conforme a práxis comum dos institutos seculares e segundo as suas Constituições; quando forem tidos como idôneos, poderão emitir os votos privados.
3. Os associados provejam à nomeação de uma diretoria com um responsável, do que me seja dada comunicação para a confirmação prevista pelo cânon 317 § 1.
4. Ouvido o parecer do Reitor-Mor da Congregação Salesiana, nomeio como Assistente Eclesiástico "pro tempore" da Associação o sacerdote salesiano Corrado Bettiga, que será coadjuvado localmente por outros sacerdotes salesianos.
5. A Associação erigida nesta Igreja Particular, poderá ter associados também de outras Dioceses, junto às quais serão aceitos como membros de uma Associação Pública de Fiéis Leigos, nos sentidos do presente decreto.

Solicito ao Reitor-Mor da Sociedade Salesiana a execução do presente Decreto para que seja conhecido por todos os Associados "Voluntários Com Dom Bosco", e seja atuado segundo as indicações dadas.

Dado, timbrado e assinado no Palácio Arquidiocesano de Caracas em vinte e quatro de maio de mil novecentos e noventa e oito, festa de Maria Auxiliadora.

Dom IGNACIO ANTONIO
VELASCO GARCÍA
Arcebispo de Caracas

* * *

CARTA DO REITOR-MOR

Caríssimos Voluntários Com Dom Bosco,

o sentimento sincero que desejo exprimir-vos é o de alegria pela vossa aprovação como Associação Eclesial. É a minha alegria pessoal que interpreta e resume a de toda a Família Salesiana.

Com esta minha carta, faço-vos a comunicação oficial, e ponho em execução o Decreto do Arcebispo de Caracas. A vós, a sua atuação conforme as indicações nele contidas.

Durante os anos 1992-1994, a vossa primeira e variada experiência foi acompanhada diretamente pelo meu predecessor P. Egídio Viganò, que a oficializou exatamente em setembro de 1994.

A caminhada mais do que decenal dos Voluntários, apoiada pela orientação de irmãos salesianos, chegou agora a uma etapa fundamental: o reconhecimento por parte da Igreja.

Baseado nas indicações recebidas da maioria de vós para dar os passos necessá rios ao reconhecimento, pedi o em abril passado ao Arcebispo de Caracas. O motivo pelo qual me dirigi ao Bispo dessa Igreja Particular é duplo: o primeiro núcleo de Voluntários surgiu justamente na Venezuela, em Caracas, e atualmente é o grupo mais numeroso em relação aos de outros Países.

A resposta traz a data igualmente significativa de 24 de maio, solenidade de Maria Auxiliadora.

Desejo sublinhar-vos a importância do acontecimento.

Eclesial. O reconhecimento é público e vale para a Igreja inteira. Nela tendes uma colocação própria e "cidadania" qualificada. Enquanto continuais a caminhada com o desejo de ser depois reconhecidos como Instituto Secular, o vosso empenho na Igreja já é de levar um estilo de vida que espelhe o da secularidade consagrada e se enriqueça do espírito que quisestes escolher como caracterizante, o espírito de Dom Bosco.

Salesiano. Constitui, de fato, o segundo motivo de importância. Estende-se o carisma salesiano, graças a essa nova presença agora oficial. O desejo manifestado de modo claro pelos primeiros jovens que em diversas partes do mundo fizeram o próprio pedido aos salesianos locais, foi o de levar uma vida de leigos consagrados, mas no espírito de Dom Bosco. Desconheço os

particulares das primeiras experiências, mas por alguns contatos tidos convosco, parece-me que essa caracterização é evidente e estimulante.

Feitas essas considerações, convido-vos a um empenho mais vivo e constante de comunhão que comporta fidelidade.

Gostaria de identificá-lo novamente com as conotações *eclesial* e *salesiana*.

A comunhão eclesial nasce da consagração batismal e intensifica-se através daquilo que o Espírito Santo suscita com as diversas vocações, e através do que a Igreja reconhece como realidades novas, que se inserem em sua missão. O magistério da Igreja sobre os Institutos Seculares já constitui uma doutrina comum e uma pista clara à qual referir-se para buscar a linfa vital por parte de quem encontra-se nos primeiros passos e preciso de cuidado e sustento. A Igreja confia-os a quem já tem uma boa experiência para que, reforçada a comunhão, seja possível caminhar com mais presteza.

A comunhão salesiana não é só liame com a Congregação, mas com os demais grupos da Família Salesiana à qual pertence. Já exprimis essa comunhão em vossas Constituições, mas trata-se agora de intensificá-la ulteriormente, também com a participação direta nas várias iniciativas da Família Salesiana.

Sei que vos encontrareis em dezembro aqui em Roma para uma reflexão comum e algumas providências previstas pelo Decreto de aprovação. Terei ocasião de conhecer-vos e entreter-me convosco naquelas jornadas, mas desde agora quero-vos assegurar a lembrança na oração por cada um de vós, e formulo os votos para que cada um contribua para o crescimento espiritual e numérico da Associação.

Vosso em Dom Bosco,

Roma, 12 de setembro de 1998

P. Juan Edmundo Vecchi
Reitor-Mor da
Sociedade Salesiana

5.3 Novos Inspetores

São apresentados aqui alguns dados sobre os Inspetores e Superiores de Visitadoria nomeados pelo Reitor-Mor, com o consenso do seu Conselho, durante a sessão de verão de junho e julho de 1998.

1. *CASTRELLÓN Camilo, Inspetor de Santafé de Bogotá (Colômbia)*

Foi nomeado para guiar a Inspetoria "São Pedro Claver" de Santafé de Bogotá (Colômbia) à conclusão do sexênio de Luis Alfredo Cárdenas, o P. *Camilo CASTRELLÓN PIZANO.*

Nascido em 22 de setembro de 1942 em Bogotá, Colômbia, ele é salesiano desde 29 de janeiro de 1963, quando emitiu a primeira profissão em Tena, ao final do ano de noviciado.

Feitos os estudos filosóficos e pedagógicos como também o tirocínio prático, fez profissão perpétua (24.12.1968) e freqüentou o curso de teologia em Bogotá, onde foi ordenado presbítero em 2 de dezembro de 1972.

Em seguida, completou seus estudos, conseguindo a Licença em Ciências da Educação junto à Universidade Salesiana de Roma.

Desenvolveu depois um intenso trabalho educativo e apostólico nas casas da Inspetoria, até ser chamado à Casa Inspetorial e inserido na equipe de pastoral. Em 1988 foi nomeado Conselheiro Inspetorial e em 1993 Diretor da grande obra do "Niño Jesús" em Santafé de Bogotá, cargo que ocupava quando foi nomeado Inspetor.

2. *DAL BEN Santo, Inspetor da Inspetoria do Peru*

O P. *Santo DAL BEN* é o novo Inspetor da Inspetoria de "Santa Rosa", com sede em Lima, Peru. Sucede ao P. Juan Vera Alva, ao final do seu mandato.

Originário da Itália, nasceu em Musile di Piave, província de Veneza, em 13 de novembro de 1950, fez o noviciado em Albarè di Costermano (Verona), onde emitiu a primeira profissão salesiana em 16.08.1968 e, logo em seguida, partiu para o Peru, onde fez os estudos do pós-noviciado e a experiência do tirocínio.

Retornou à Itália para os estudos de teologia, feitos em Turim-Crocetta, ao final dos quais foi ordenado padre em sua cidade natal no dia 23 de setembro de 1978.

Retornando ao Peru, completou os estudos também em campo civil, conseguindo o título para o magistério escolar, e dedicou-se ao trabalho educativo e pastoral. Foi logo chamado pelos Superiores ao empenho na responsabilidade da formação e, em 1983, foi nomeado Diretor do pós-noviciado de Magdalena del Mar,

encargo desenvolvido por três anos. Em 1988 foi também inserido no Conselho Inspetorial, por um sexênio. Em 1992, concluído o período em Magdalena del Mar, após alguns meses passados como Vigário na comunidade de "Maria Auxiliadora" de Lima, foi nomeado Diretor daquela comunidade, cargo que ocupava quando foi nomeado Inspetor.

3. *KOMÁREK Jan, Inspetor de Praga, República Checa*

Para suceder ao P. Benno Benes como Inspetor da Inspetoria "São João Bosco" de Praga (República Checa) foi nomeado o P. *Jan KOMÁREK*, até então Vigário do Inspetor.

Nascido em Zlín, diocese de Olomouc, em 7 de fevereiro de 1957, Jan Komárek conheceu os Salesianos no período da ocupação e, embora na clandestinidade, preparou-se para ser salesiano, emitindo a sua primeira profissão em 11 de setembro de 1976. Fez em seguida, com os estudos civis, os do currículo formativo salesiano, e em 1982 emitia a profissão perpétua e no ano seguinte — 25 de junho de 1983 — era ordenado sacerdote em Olomouc.

Conhecemos os encargos de responsabilidade que lhe foram confiados até a abertura das fronteiras: em 1991 foi nomeado diretor e mestre dos noviços no Noviciado de Hodonovice; continuou no mesmo encargo quando, em 1995, o noviciado foi transferido à nova sede de Praga-Dolní Pocernice. Desde 1997 era Vigário do Inspetor, como já acenado, embora continuando por um período também como mestre dos noviços.

4. *ROCA Alfredo, Superior da Visitadoria Etiópia e Eritréia*

O P. *Alfredo ROCA* é o primeiro Superior da Visitadoria "Maria Pacto de Misericórdia" da Etiópia e Eritréia, erigida com decreto de 29 de junho de 1998 (cf. ACG 364, n. 5.3).

Nascido em Palleja, província de Barcelona, Espanha, em 3 de outubro de 1933, Alfredo Roca é salesiano desde 16 de agosto de 1950, data da primeira profissão feita em Barcelona-Horta, após o noviciado em Sant Vicenç dels Horts.

Depois dos estudos filosóficos e do tirocínio prático, cursou teologia na Inglaterra (Sherfield English), retornando à sua Inspetoria onde foi ordenado presbítero em Barcelona (29.06.1959). Durante o período de estudos conseguiu a licença em Filosofia e um di-

ploma em língua inglesa.

Empenhado no trabalho educativo e pastoral, os Superiores confiaram-lhe em 1965 a direção da casa de formação (estudantado teológico) de Sentmenat, onde ficou até 1974, quando foi transferido também como diretor à estrutura formativa de Martí Codolar, Barcelona. Dois anos depois, em 1976, o Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou-o Inspetor da Inspetoria de Barcelona.

Concluído o sexênio de Inspetor, depois de três anos como Diretor em Terrassa, foi para a Etiópia, para dar a sua contribuição sobretudo no campo da formação. Desde 1987, por dez anos, foi Diretor da casa de formação de Adigrat; em 1997 passou, ainda como diretor, à casa de Noviciado de Adis-Abeba. Em 1996 foi nomeado Delegado dos Inspetores do Médio Oriente e da Lombardo-Emiliana para todas as presenças salesianas na Etiópia e Eritréia.

5. *WONG Andrew, Superior da Visitadoria da Indonésia e Timor*

O P. *Andrew WONG* foi nomeado para guiar a nova Visitadoria "B. Calisto Caravario", da Indonésia e Timor, erigida recentemente (cf. ACG 364, n. 5.4).

Nascido em 30 de novembro de 1952 em Trinity (Rizal), Filipinas, Andrew Wong emitiu a primeira profissão em 1° de maio de 1972 em Canlubang, onde completou o noviciado e freqüentou também os estudos do pós-noviciado. Fez o tirocínio no aspirantado de San Fernando, e em seguida seguiu os estudos teológicos no estudantado teológico de Parañaque, Metro Manila. Em Manila foi ordenado presbítero no dia 7 de dezembro de 1972.

Pelas suas qualidades, foi logo encaminhado ao campo da formação. Após alguns anos no estudantado teológico de Parañaque, foi nomeado Mestre dos noviços no noviciado de Canlubang, encargo que manteve — com o de Diretor — em Bacolod-Granada, nas Filipinas Sul, quando o noviciado foi transferido a essa localidade (1991). Em 1992 foi também inserido no Conselho Inspetorial das Filipinas Sul.

Em 1994, os Superiores destinaram-no à Indonésia. Após um ano como Diretor na comunidade formadora de Jacarta, foi nomeado Diretor e Mestre no noviciado de Fatumaka, cargo que ocupava no momento da nomeação como Superior da nova Visitadoria.

5.4 Novo Bispo Salesiano

Dom GASHI Zef, Arcebispo de Bar (República Federal da Iugoslávia)

Em 11 de julho de 1998, o Osservatore Romano publicava a notícia da nomeação, por parte de S.S. João Paulo II, do nosso irmão sacerdote *Zef GASHI* como arcebispo de Bar, na República Federal da Iugoslávia, Arquidiocese diretamente dependente da Santa Sé.

Zef (José) Gashi nasceu em Pester-Janjevo, província de Pristina, em 4 de dezembro de 1938, e conheceu os Salesianos freqüentando a obra de Rijeka. Atraído pela vocação salesiana, fez o noviciado nessa mesma casa, emitindo a profissão em 24 de agosto de 1961. Freqüentou os estudos teológicos em Liubliana e depois em Zagreb onde foi ordenado presbítero em 19 de junho de 1969.

Logo depois da ordenação sacerdotal foi destinado como pároco em Pristina, sua terra natal, onde exerceu o ministério por vários anos. Em 1978 foi nomeado Diretor da comunidade de Nis-Sagrado Coração (da qual então dependia a paróquia de Pristina) e em 1981 da casa de Titograd (hoje Podgorica), à qual foi em seguida ligada a presença salesiana de Pristina, cargo que manteve por 9 anos até 1990.

Em 1992, quando foi iniciada a obra salesiana de Scutari, Albânia, o P. Zef Gashi, foi destinado a essa nova obra, onde assumiu a direção do Centro Catequético Nacional, confiado aos Salesianos pelos bispos da Albânia. Trabalhou também no campo litúrgico, colaborando na tradução dos textos litúrgicos em língua albanesa para a Albânia, Montenegro e Kosovo. Desenvolvia ultimamente também o encargo de pároco.

5.5. Irmãos falecidos (1998 - 3ª lista)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (*Const. 94*).

	NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P	**ACUÑA PEÑA Manuel**	Santiago do Chile	11-07-98	87	CIL
P	**ALBRECHT Ernesto Miguel**	Rosário (Santa Fé)	31-07-98	84	ARO
P	**BALBI Luis**	La Plata	15-09-98	94	ALP
P	**BERTOLINO Mario**	Venaria (TO)	05-10-98	66	ICP
P	**BOBENSTETTER Josef**	Rosenheim, Baviera	08-08-98	89	GEM
S	**BORUSZEWSKI Sebastian**	Slupca	29-07-98	22	PLN
P	**BRUGNA Ciro**	Bahía Blanca	04-09-98	85	ABB
P	**BRUNI Gian Emilio**	Soverato (CZ)	13-07-98	50	ILE
P	**BUSTILLO Basilio**	Barcelona-Martí Codolar	14-07-98	91	SBA
P	**CALVO Pedro**	Quito	06-09-98	80	ECU
P	**CAMINHA Manuel**	Vila do Conde	09-09-98	84	POR
P	**CAMP ZUZULICH Eric**	Talca "La Suiza"	28-07-98	69	CIL
P	**CASTRONOVO Giovanni**	Pedara (CT)	16-07-98	86	ISI
P	**CIGNATTA Natale**	Turim	26-07-98	92	ICP
P	**COCKSHOOT Joseph**	Bolton	16-09-98	89	GBR
L	**COLUSSI Giovanni**	Turim-Valdocco	08-09-98	77	ICP
P	**de DEUS Augusto**	Porto	30-08-98	58	POR
P	**D'ERAMO Edmondo**	Roma	08-09-98	86	IRO
L	**FABRIS Pietro**	Negrar (Verona)	02-08-98	89	IVO
P	**FLYNN Francis**	Cidade do Cabo	13-09-98	80	AFM
P	**FRASCONI Armando**	Civitanova Marche Alta	24-08-98	83	IAD
P	**FRIGERIO Ettore**	Hua Hin	02-08-98	88	THA
	Foi Inspetor por seis anos				
P	**GARRONE Luciano**	Turim-Valsalice	09-08-98	76	ICP
L	**GENTILIN Silvino**	Negrar (Verona)	01-09-98	85	IVO
P	**GLISCINSKI Jan**	Aleksandrów Kujawski	27-07-98	49	PLN
P	**HARDY Camille**	Beaupréau	10-08-98	92	FPA
L	**HUNG Henry Leng-Yeung**	Macau	01-09-98	53	CIN
P	**INNOCENTI Costante**	Varazze	11-09-98	83	ILT
P	**JUTKIEWICZ Marian**	Rumia	25-07-98	62	PLN
P	**KERKETTA Louis**	Guwahati	31-08-98	86	ING
P	**KNAZOVIC Valerián**	Bratislava	03-09-98	82	SLK

	NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P	**KOSTER Adrianus Albertus**	Nijmegen (Olanda)	14-08-98	90	BES
P	**LANK Jaroslav**	Frydek	05-08-98	69	CEP
L	**LOURENÇO Eugênio**	Lisboa	13-07-98	88	POR
L	**LUDWIG Hubertus**	Helenenberg	27-07-98	79	GEK
P	**LUSÁN Pietro**	La Plata	24-07-98	86	ALP
P	**LUSSO MAINERO Giovanni**	Quito	17-07-98	80	ECU
P	**MAGGIO Stefano**	Palermo	19-08-98	85	UPS
	Foi o primeiro Assistente Central do Instituto das Voluntárias de Dom Bosco				
E	**MARENGO Oreste**	Tura	30-07-98	91	–
	Eleito Bispo em 1951: foi por 13 anos Bispo de Dibrugarh (Índia), por 5 anos Bispo de Tezpur, por 6 anos Administrador Apostólico de Tura				
S	**MENNA Carlos Alberto**	Resistencia	30-09-98	28	ARO
P	**MION Giacomo**	Turim	02-10-98	86	ICP
P	**MUIÑO RODRIGUEZ Julio do**	Sevilha	19-06-98	81	SSE
L	**NEWPORT Reginald**	Port Pirie	10-07-98	80	AUL
P	**OTTONE Lino**	Nazaré (Israel)	11-08-98	83	MOR
	Foi Inspetor por seis anos				
P	**PARADIES Nicola**	S. Giovanni Rotondo	11-09-98	80	IME
P	**PAREDES Raúl**	Guayaquil	11-09-98	76	ECU
P	**PÉREZ Aldo**	Córdoba	20-06-98	69	ACO
P	**PÉREZ Guillermo**	Barcelona-Martí Codolar	10-07-98	92	SBA
P	**PITTON Pericle**	Aviano (Pordenone)	17-09-98	76	IVE
P	**PLASENZOTTI Germano**	Rosario (Santa Fé)	23-08-98	80	ARO
P	**POJER Mario**	Bolzano	18-07-98	74	IVO
L	**RAUDUVÉ Bronislao**	León	08-09-98	84	SLE
P	**RISCO José María**	Jerez de la Frontera	25-08-98	73	SSE
P	**ROJAS CHIRIFE Vicente**	Asunción	10-08-98	84	PAR
L	**ROTHER Dieter**	Helenenberg	02-09-98	62	GEK
L	**SABATINI Giuseppe**	Roma	06-10-98	88	IRO
P	**SOLARINO Francesco**	Roma	10-07-98	73	ISI
P	**TISSOT Maurice**	Toulon	16-05-98	87	FLY
P	**TONINI-CARDINALI Walter**	Roma	25-09-98	78	IRO
P	**TOPINKA Josef**	Ivancice	28-09-98	66	CEP
P	**VAN HOUTTE Arsène**	Neufvilles (Belgio)	19-07-98	77	BES
L	**VAN VELSEN Guus**	Amersfoort	24-09-98	62	OLA
P	**VOLPATO Giacomo**	Torino	27-08-98	68	ICP
P	**ZAGHETTO Antonio**	Vercelli	08-08-98	74	ICP
L	**ZANETTINI Mario**	Torino	04-08-98	84	ICP
P	**ZAPPULLA Salvatore**	Civitanova Marche Alta	23-08-98	83	IAD